

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)  
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)  
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO  
(CBG)

**GISELEN PESTANA CARDOSO**

PRODUÇÃO DE CAPITAL SOCIAL EM BIBLIOTECA COMUNITÁRIA: O CASO DA  
BIBLIOTECA COMUNITÁRIA JOSÉ VIEIRA FILHO

Rio de Janeiro

2016

GISELEN PESTANA CARDOSO

**PRODUÇÃO DE CAPITAL SOCIAL EM BIBLIOTECA COMUNITÁRIA: O CASO  
DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA JOSÉ VIEIRA FILHO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientador (a): Ana Maria Senna

Rio de Janeiro

2016

### Ficha catalográfica

C268p      Cardoso, Giselen Pestana.  
              Produção de capital social em biblioteca comunitária:  
              o caso da biblioteca comunitária José Vieira Filho /  
              Giselen Pestana Cardoso - Rio de Janeiro, 2016.  
              68 f.

              Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Senna.

              Monografia (Curso de Biblioteconomia e Gestão de  
              Unidade de Informação) – Universidade Federal do Rio  
              de Janeiro (UFRJ).

              1. Bibliotecas comunitárias. 2. Biblioteca Comunitária  
              José Vieira Filho. 3. Capital social. 4. Recursos  
              educacionais. 5. Recursos culturais. I. Título.

**GISELEN PESTANA CARDOSO**

**PRODUÇÃO DE CAPITAL SOCIAL EM BIBLIOTECA COMUNITÁRIA: O CASO DA  
BIBLIOTECA COMUNITÁRIA JOSÉ VIEIRA FILHO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, 07 de março de 2016.

---

Prof. Dr. Ana Maria Senna  
Orientador (a)

---

Prof. Dr. Maria de Fátima Sousa de Oliveira Barbosa  
Membro interno

---

Prof. Ms. Marianna Zattar  
Membro interno

Dedico esta, bem como todas as minhas demais conquistas, aos meus amados pais Roberto e Denise, a minha amada irmã Suelen, a minha querida e amada vó Maura e ao meu namorado Calos Vinicius. Essa vitória não é só minha, é nossa!

## **AGRADECIMENTOS**

Muitas foram às pessoas que, direta ou indiretamente, me acompanharam e me estimularam durante toda a graduação. Agora, com a concretização do trabalho final de curso, gostaria de expressar a minha gratidão a todas essas pessoas, sem as quais teria sido muito mais penoso realizar a graduação e este trabalho. Em especial, agradeço a Deus pela minha família, a qual sem ela nada disso seria possível. Aos meu pais por todo amor, carinho e dedicação na minha formação. Agradeço também a minha vó, Maura, por me apoiar em todas as decisões da minha vida. À minha irmã, Suelen e meu cunhado Eduardo por todas as horas de conversas e conselhos. Por último, mas não menos importante, agradeço ao meu namorado, Carlos Vinicius, por estar sempre ao meu lado. Por fim, agradeço a minha orientadora Ana Maria Senna, por todo conhecimento e aprendizado durante a realização desse projeto. À vocês a minha eterna gratidão.

“À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo”. (Pessoa, Fernando 1928).

## RESUMO

Este trabalho analisa as atividades realizadas em bibliotecas comunitárias e como essas ações podem promover capital social e com isso recursos culturais e educacionais para os seus usuários. Para o nosso estudo, escolhemos a Biblioteca Comunitária José Vieira Filho que fica na Ilha de Guaratiba, bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Optamos como metodologia de nosso trabalho usar uma abordagem qualitativa. Inicialmente foi feita uma revisão bibliográfica com autores renomados sobre os conceitos que embasariam o desenvolvimento da pesquisa: capital social e bibliotecas comunitárias. Esta pesquisa é um estudo de caso que usou como métodos e coleta de dados a observação participativa, o questionário e entrevistas. O resultado aponta que os serviços desenvolvidos na Biblioteca Comunitária José Vieira Filho geram capital social para seus usuários e por isso produzem recursos educacionais e culturais.

**Palavras-chave:** Bibliotecas comunitárias. Biblioteca Comunitária José Vieira Filho. Capital social. Recursos Educacionais. Recursos culturais.



## **ABSTRACT**

This paper analyzes the activities carried out in community libraries and how these actions can promote social capital and cultural and educational resources for your users. For our study we chose the community library José Vieira Filho, which lies on Ilha de Guaratiba, neighborhood of West zone of Rio de Janeiro. We chose as our work methodology using a qualitative approach. A literature review was made initially with renowned authors on the concepts that could support the development of research: social capital and community libraries. This research is a case study that used data collection methods and participatory observation, questionnaire and interviews. The result shows that the services developed in the community library José Vieira Filho generate capital for your users and therefore produce educational and cultural resources.

**Keywords:** Community libraries. Community Library José Vieira Filho. Social capital. Educational Resources. Cultural resources.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 -</b>	Esferas da Biblioteca Comunitária.....	35
<b>Figura 2 -</b>	Mapa de desenvolvimento humano da Zona oeste do Rio de Janeiro.....	46
<b>Figura 3 -</b>	Mapa da localização da Associação Vida Feliz .....	47
<b>Figura 4 -</b>	Gráfico faixa etária .....	54
<b>Figura 5 -</b>	Gráfico de gênero .....	54
<b>Figura 6 -</b>	Gráfico do nível de escolaridade .....	55
<b>Figura 7 -</b>	Gráfico frequência de visita .....	55
<b>Quadro 1-</b>	Questões abertas do questionário .....	56

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1.1 PROBLEMA .....</b>	<b>11</b>
<b>1.2 JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>12</b>
<b>1.3 OBJETIVOS.....</b>	<b>13</b>
1.3.1 OBJETIVO GERAL .....	13
1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	13
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA TEORIA DO CAPITAL SOCIAL.....</b>	<b>15</b>
<b>2.3 REDES SOCIAIS.....</b>	<b>23</b>
<b>2.4 O TERCEIRO SETOR E ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO COMO GERADORES DE CAPITAL SOCIAL .....</b>	<b>24</b>
<b>2.5 A ASSOCIAÇÃO VIDA FELIZ.....</b>	<b>28</b>
<b>2.6 A BIBLIOTECA COMUNITÁRIA .....</b>	<b>29</b>
<b>2.7 CAPITAL SOCIAL EM BIBLIOTECAS.....</b>	<b>36</b>
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>40</b>
<b>3.1 TÉCNICAS DE COLETA E DE ANÁLISE DE DADOS .....</b>	<b>42</b>
<b>4 CAMPO EMPÍRICO: BIBLIOTECA COMUNITÁRIA JOSÉ VIEIRA FILHO.....</b>	<b>44</b>
<b>4.1 BIBLIOTECA COMUNITÁRIA JOSÉ VIEIRA FILHO .....</b>	<b>46</b>
<b>4.2 A MISSÃO DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA JOSÉ VIEIRA FILHO.....</b>	<b>46</b>
<b>4.3 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS .....</b>	<b>48</b>
<b>4.4 PATROCÍNIO .....</b>	<b>49</b>
<b>4.5 BIBLIVRE.....</b>	<b>49</b>
<b>5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>51</b>
<b>5.1 ENTREVISTA COM OS CRIADORES DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA JOSÉ VIEIRA FILHO.....</b>	<b>51</b>
<b>5.2 QUESTIONÁRIO DE LEVANTAMENTO DE DADOS .....</b>	<b>52</b>
<b>5.3 OBSERVAÇÃO NÃO PARTICIPANTE .....</b>	<b>56</b>
<b>6 CONCLUSÃO .....</b>	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>58</b>
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA .....</b>	<b>61</b>
<b>APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO.....</b>	<b>62</b>

**APÊNDICE C – FOTOS DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA JOSÉ VIEIRA FILHO .64**

## 1 INTRODUÇÃO

A biblioteca comunitária ainda é uma tipologia de biblioteca menos discutida dentro do meio acadêmico e do cenário da Biblioteconomia nacional. Porém, com toda a sua importância social e para a comunidade a qual está inserida, é de suma relevância o levantamento do debate a respeito desse espaço cultural e social e por isso vem despertando discussões acerca de sua configuração.

Essas bibliotecas “brotam” do coração das comunidades periféricas das zonas rurais e das zonas urbanas do país, num movimento engajado de grupos organizados ou de indivíduos que reúnem esforços no sentido de abrir espaço público para ampliar o acesso à informação, à documentação, à leitura, ao livro, ao conhecimento e ao debate sócio cultural. (PRADO, 2010; MIRANDA, 2008).

A partir desta conceituação supracitada, o presente trabalho tem como proposta apresentar uma análise da relação entre a biblioteca comunitária e o capital social e como essa relação pode proporcionar outros recursos advindos dessa relação. Com este propósito, analisaremos a Biblioteca Comunitária José Vieira Filho e os serviços oferecidos por essa e que serão utilizados como campo empírico de estudo. O trabalho está focado no conceito de capital social e a forma como é gerado em espaços sociais como a Biblioteca Comunitária José Vieira Filho.

A Biblioteca Comunitária José Vieira Filho está localizada no Bairro de Ilha de Guaratiba, na zona oeste do Rio de Janeiro. Esse bairro é predominantemente rural, com precariedade de centros culturais e de lazer e de bibliotecas públicas. Por este motivo, a biblioteca comunitária nessa região é de suma importância para os moradores da localidade, principalmente pela sua ação social, cultural e educacional com as crianças e adolescentes e os idosos.

A pesquisa é fundamentada em uma revisão de literatura e um estudo de caso, mediante a discussão do conceito de capital social como extensor de pontes dentro da biblioteca comunitária, onde a mesma desempenha importante função dentro da comunidade e, é capaz de oferecer serviços como: cursos, acesso à cultura, à leitura, a educação e ao lazer.

Para facilitar o entendimento, o trabalho está dividido em seis seções primárias, constando esta introdução, onde traçamos um panorama da pesquisa

com a apresentação do problema de pesquisa, a justificativa, os objetivos gerais e específicos do trabalho e a metodologia.

Na segunda seção é apresentado o referencial teórico que embasa a pesquisa, nele são abordados e discutidos os conceitos de capital social e de bibliotecas comunitárias, consta também na segunda seção, uma breve descrição a respeito das redes sociais e sobre o terceiro setor que através das suas ações produz recursos de cultura e educação.

Na terceira seção, expomos os procedimentos metodológicos usados no desenvolvimento do trabalho e o campo empírico. Nessa seção, buscamos com métodos e técnicas conectar a teoria com a prática.

Na quarta seção é apresentado o campo empírico do trabalho, no qual explanamos a respeito do bairro da Ilha de Guaratiba e seu entorno, assim como também, apresentamos todas as características fundamentais para a elaboração do trabalho da Biblioteca Comunitária José Vieira Filho.

Na quinta seção, é apresentada a análise a discussão dos dados que foram levantados.

Na sexta e última seção apresentamos nossa conclusão, que é seguida das referências bibliográficas utilizadas na elaboração do trabalho e dos apêndices inerentes a uma melhor compreensão da pesquisa.

## **1.1 PROBLEMA**

A sociedade brasileira, nas últimas décadas, vem sofrendo com um significativo desequilíbrio político, social e econômico, sendo as classes econômicas mais pobres as que mais sofrem com a desestabilidade em que o país se encontra.

Numa tentativa de atenuar todos esses problemas sociais, e principalmente visando atender a uma demanda social das comunidades desfavorecidas, alguns atores sociais se unem para criar maneiras de contornar diversas precariedades do cotidiano dessas comunidades em situação de desigualdade social e em bairros mais afastados dos grandes centros urbanos.

Uma das saídas dessas comunidades para contornar os problemas sociais, não sanados pelo governo e políticas públicas, é a criação de bibliotecas

comunitárias. Com a criação da Biblioteca Comunitária José Vieira Filho não foi diferente.

Para a nossa pesquisa juntamos a necessidade da população em ter acesso a esse tipo de espaço cultural e a relação com o capital social, recurso que promove outros recursos, tais como: educacionais, culturais, esportivos e outros. Portanto, o problema de pesquisa é exposto através da seguinte questão: “De que maneira o recurso de capital social como extensor de pontes pode criar recursos culturais e educacionais na vida dos usuários da Biblioteca Comunitária José Vieira Filho?”.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

A biblioteca comunitária é uma instituição particularizada pela necessidade de maior atenção tanto dos bibliotecários, quanto dos estudantes de graduação em Biblioteconomia. Visto que essa instituição é, muitas vezes esquecida dentro do campo social da Biblioteconomia e que geralmente é mais voltada para outros tipos de biblioteca, pois a biblioteca comunitária não é uma instituição com “prestígio acadêmico e/ou institucional” ou que receba o devido reconhecimento.

Um dos principais motivos responsáveis pela escolha do tema “produção de capital social pela biblioteca comunitária”, deu-se a partir da pesquisa do assunto na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação–BRAPCI, que é uma base de referência de grande relevância para área.

Partimos da inferência de que as bibliotecas comunitárias são menos discursivizadas na área da Ciência da Informação, ao observarmos que artigos acerca dessas organizações possuem menos publicações nos periódicos especializados da área comparados às publicações acerca de outras tipologias como as bibliotecas escolares, universitárias e públicas. (BASTOS, G.; ALMEIDA, M.; ROMÃO, L., 2011).

O interesse despertado pela pesquisa se deu a partir de um trabalho apresentado na disciplina de Competência em Informação, onde a autora precisou visitar a Biblioteca Comunitária José Vieira Filho. Após a visita à biblioteca, a autora decidiu por pesquisar sobre o assunto da geração do capital social em bibliotecas comunitárias (assunto visto na disciplina Sistemas de Recuperação da Informação) devido a carência de trabalhos que abordem este tema.

Outro ponto relevante que merece destaque para a decisão do tema em vigor é relacionado à urgência de bibliotecas públicas, escolares e centros de cultura e lazer no bairro de Ilha de Guaratiba e suas proximidades, visto que a região não possui nenhum tipo de suporte a educação, cultura e lazer, financiado por esferas governamentais. Por conseguinte, é reproduzida a carência da população da área, tanto no âmbito econômico quanto no âmbito social e educacional.

### **1.3 OBJETIVOS**

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, se faz necessário o estabelecimento de objetivos que permearão o direcionamento do trabalho. Assim, é necessário especificar a definição dos objetivos gerais e específicos.

#### **1.3.1 OBJETIVO GERAL**

O objetivo geral do trabalho é analisar como a Biblioteca Comunitária José Vieira Filho pode proporcionar recursos culturais e educacionais em sua comunidade através da produção do capital social, a partir dos serviços oferecidos dentro da biblioteca para a comunidade.

#### **1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- a) Descrever o entorno do bairro onde a Biblioteca Comunitária José Vieira Filho está localizada;
- b) Analisar como é gerado o capital social dentro da Biblioteca Comunitária José Vieira Filho;
- c) Explorar quais recursos educacionais e culturais advêm das interações a partir da geração de capital social na área educacional;
- d) Investigar qual a influência da Biblioteca Comunitária José Vieira Filho na vida da comunidade usuária;
- e) Fomentar a discussão sobre bibliotecas comunitárias e com isso contribuir para explanação do tema na área de Biblioteconomia, a partir da realidade social encontrada nas bibliotecas comunitárias.



## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Esta seção é destinada para o desenvolvimento da fundamentação teórica da pesquisa. A revisão teórica da literatura aqui apresentada busca o estabelecimento das principais correntes acerca dos conceitos fundamentais que o regem presente trabalho, a fim de estabelecer a relevância da análise proposta pela pesquisa.

Os conceitos proeminentes a essa pesquisa são: Capital Social e Biblioteca Comunitária. Para o pleno desenvolvimento do referencial teórico, começaremos traçando uma breve evolução histórica da teoria do capital social, com o objetivo de mostrar o surgimento do conceito. Em seguida é delineado um panorama do capital social elucidado pela visão de Pierre Bourdieu, James Coleman e Robert Putnam, que são considerados os principais teóricos do tema. Para auxiliar no desenvolvimento da fundamentação teórica do capital social, apresenta-se uma breve análise a respeito dos conceitos de rede sociais.

Posteriormente a discussão sobre o capital social e conceitos afins, passa-se a explanar sobre o terceiro setor e espaços de educação como geradores de capital social, nessa seção, discorre-se sobre os espaços sociais de educação e como esses espaços são reconhecidos. A abordagem desses conceitos será trabalhada com o objetivo de demonstrar como é produzido o capital social dentro da ideologia do terceiro setor.

Após a explanação sobre o terceiro setor e espaços educacionais, entramos na discussão a respeito da biblioteca comunitária. Na subseção reservada para a formulação do conceito de biblioteca comunitária traça-se uma linha de raciocínio pautada na relação dos conceitos de biblioteca em seu âmbito geral, biblioteca pública e biblioteca comunitária. Como o foco da referida seção é a biblioteca comunitária, ao longo da mesma é ilustrado as particularidades, características e a complexidade dessa instituição. O conceito de biblioteca comunitária é seguido pela explicação do que é terceiro setor, e os laços entre o terceiro setor e a biblioteca comunitária.

Para finalizar o referencial teórico, concatenamos as teorias acerca do capital social com as conceituações acerca da biblioteca comunitária. Para tal, levantando a discussão da importância da interação desses conceitos, objetiva-se detectar a

importância das ações sociais nas interações socioculturais realizadas em espaços sociais a fim de frutificar o desenvolvimento de cidadãos conscientes na sociedade a partir da geração de capital social.

## **2.1 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA TEORIA DO CAPITAL SOCIAL**

Para uma maior assimilação acerca do conceito de capital social traçamos uma breve evolução histórica do seu uso. “O conceito de capital social conta com diversas acepções, segundo filiações teórico-metodológicas distintas.” (Neves; Pronko; Mendonça, 2012, p. e1). De acordo com Silva (2015), alguns autores como: Adam e Roncevic (2003); Woolcock e Narayan (2000), narram às origens históricas do capital social.

Segundo Silva (2015), a idealização do capital social surgiu entre o século XVII e XVIII, onde vários teóricos utilizaram-se de conceitos que exploravam a relação entre a vida associativa e a democracia, e esses conceitos foram tratados na literatura com ideias semelhantes ao de capital social. Alguns estudiosos declaram que esses conceitos semelhantes ao capital social fazem parte do estudo preliminar do conceito de capital social.

As ideias relativas ao capital social são antigas. Pesquisas mostram que os estudos relativos ao capital social, surgem pela primeira vez na literatura no ano de 1916. O termo foi utilizado pela primeira vez por Lyda Judson Hanifan, um reformista social, que se utilizou do termo capital social para explanar sobre a importância da participação da comunidade na ascensão de uma escola (educação) de sucesso. (Putman, 2000, et al). Em 1960, a questão do capital social emerge mais uma vez no trabalho de Jane Butzner Jacobs, onde o termo é aplicado na sua pesquisa etnográfica sobre o cotidiano da vida urbana de grandes cidades norte-americanas. (Garcia, 2015).

Embora o termo capital social seja decorrente de estudos realizados no século XX, somente a partir dos anos 1990 é que houve um aumento significativo no interesse por estudos relativos ao conceito, sua teoria e principalmente sua aplicação em diversos campos sociais (Neves; Pronko; Mendonça, 2012). No século XIX, foram registradas várias pesquisas em diferentes áreas do conhecimento as quais fornecem várias aplicações inerentes ao conceito.

Para Silva (2015), esse interesse corrente levou os pesquisadores a esbarrarem com um problema acerca do tema: a dificuldade específica de definição e operacionalização do conceito. Existem diversas abordagens para a teoria do capital social, o que dá margem a geração de inúmeras aplicações distintas em diversas áreas. Ou seja, dependendo do pesquisador e da área de pesquisa o termo terá uma conotação diferente da utilizada por outro pesquisador e em outra área de pesquisa. Também é válido frisar que o grau de investigação (pesquisa) influencia na aplicação do termo.

A consequência da incongruência na definição da teoria do capital social entre áreas e pesquisadores, se dá a partir da falta de uma definição universalmente aceita a cerca do conceito, pois a teoria do capital social é uma teoria bastante abrangente e complexa, o que conseqüentemente gera controvérsias em seu uso. Entretanto, apesar da diversidade a cerca das teorias e das definições do capital social com o passar dos anos, começou a surgir no meio acadêmico algum consenso. (SILVA, 2015).

Modernamente o conceito de capital social, foi muito trabalhado por três autores: Pierre Bourdieu, James Coleman e Robert Putnam. Esses autores apontam diferentes aplicações acerca do conceito trabalhado. Em 1979, o sociólogo francês, Pierre Bourdieu, pioneiro na modernidade, sobre o estudo do conceito de capital, apresentou, em seu trabalho três dimensões de forma de capital: o capital econômico, o capital cultural e o capital social. Os três conceitos de capital e suas manifestações (econômica; social e cultural), para o autor, dão o alicerce para a estrutura funcional do mundo social. (NEVES; PRONKO; MENDONÇA, 2012). Na visão do sociólogo norte-americano, James Coleman (1988; 1990), o capital social é abordado através da perspectiva da função social do conceito. Outra visão muito notória na literatura é a do cientista político norte-americano, Robert Putnam, que associou o capital social a interações sociais entre grupos organizados. (Ferraz, Gobb; Lima, 2011).

Todas essas abordagens sobre a teoria do capital social serão discutidas mais profundamente na próxima seção que se dedica a abordar sobre os conceitos inerentes ao capital social e a maneira de produção do mesmo.

## **2.2 CAPITAL SOCIAL**

O alicerce conceitual da teoria do capital social está embasado pelos pressupostos estudados por Bourdieu (1979), Coleman (1988) e Putnam (1993). Toda via, existem outros teóricos que também abordam essa temática. Para o desenvolvimento deste trabalho utilizaremos o conceito de capital social particularizado na visão desses três teóricos supracitados.

Na literatura parece existir um consenso de que o primeiro teórico contemporâneo a analisar, investigar e explanar sobre o conceito de capital social, teria sido Pierre Bourdieu em 1979. Contudo, o capital social descrito por Bourdieu só se solidificou em um artigo publicado no ano de 1980 (SILVA, 2008), onde o autor descreve sobre “os conflitos de classe e a função do poder, onde as posições e relações sociais são um meio para aumentar a capacidade dos atores sociais para fazerem valer os seus interesses. ” (SILVA, 2008, p.70). “Neste sentido, para o autor, o capital social torna-se um recurso nas lutas sociais”. (SIISIINEN, 2000 apud SILVA, 2008, p. 70).

Segundo Senna; Prado e Barbosa (2015), Bourdieu (2004) definiu o capital social como:

O conjunto dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de coleções mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter- reconhecimento mútuos, ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como o conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também que são unidos por ligações permanentes e úteis. (BOURDIEU, 2004, p. 67 apud SENNA; PRADO; BARBOSA, 2015, p. 157).

A partir do seu estudo de Bourdieu, constata que o capital social possui dois segmentos teóricos: o primeiro está diretamente associado a relação legitimada das trocas entre instituições que reúnem grupos mais homogêneos. (Silva, 2008). Em outras palavras pode-se dizer que o primeiro componente desenvolvido por Bourdieu advém das relações de um indivíduo em grupos ou redes. O segundo componente está relacionado com as três dimensões do capital social (econômico, cultural e social) e ao trabalho de sociabilidade, onde investe-se tempo, esforços e até mesmo capital econômico. (NEVES; PRONKO; MENDONÇA, 2012). Conseqüentemente, podemos destacar a autora Recuero (2005) que possui a seguinte afirmativa: “O capital social, para Bourdieu, não se encontra nos indivíduos, mas ao contrário,

encontra-se embutido nas relações sociais das pessoas”. (RECUERO, 2005, p. 3). Silva (2008) resume a relação do capital social do Bourdieu da seguinte maneira:

Em suma, o tratamento que Bourdieu dá ao conceito de capital social é de natureza instrumental, centrando-se nos benefícios angariados pelos indivíduos em virtude da participação em grupos sociais, por um lado, e na construção deliberada de sociabilidades, tendo em vista a densificação da rede relacional. (SILVA, 2008, p. 71).

Seguindo a linha do tempo dos autores contemporâneos da Teoria do Capital Social, Coleman, no fim da década de 80, apresentou uma outra abordagem para o conceito de Capital social (SILVA, 2008). Coleman em teoria, estendeu o conceito utilizado por Bourdieu, ou seja, enquanto Bourdieu possuía uma abordagem de caráter individualista, visto que para ele o foco do capital social está embutido nas relações sociais da pessoa, Coleman, buscou estender esse conceito para que houvesse uma maior abrangência de interpretações dentro das estruturas sociais, pode-se dizer então que o foco do trabalho do Coleman está nas relações de grupos sociais e organizações. (SILVA, 2008). Para alguns estudiosos do tema “o trabalho de Coleman representa uma tentativa de mudar uma abordagem egocêntrica para uma abordagem sociocêntrica”. (ADAM; RONCEVIC, 2003, p.159 apud SILVA, 2008, p.72).

A contribuição da abordagem da Coleman advém do conceito criado em 1988, o autor explica que o capital social é heterogêneo e se constrói a partir de categorias. Para explicar como se apresenta o capital social na visão de Coleman, utilizaremos da contribuição de Bertolini e Bravo (2004), os autores partem da definição de Coleman (1998) que explica que: “o capital social é heterogêneo, e constroem categorias que constituiriam aspectos nos quais o capital social pode ser encontrado”. (BERTOLINI; BRAVO, 2004, p.1-5 apud RECUERO, 2005, p.4). Essas categorias seriam: relacional, normativo, cognitivo, confiança no ambiente e institucional.

James Coleman desenvolveu sua definição de capital social a partir de estudos na área de Sociologia e Economia (SILVA, 2008). Coleman apresenta a seguinte definição para o capital social:

O capital social é definido pela sua função. Não é uma única entidade, mas uma variedade de diferentes entidades que têm duas características em comum: todos eles consistem de algum aspecto

das estruturas sociais e facilitam certas ações dos atores - sejam pessoas ou atores corporativos - dentro da estrutura. (COLEMAN, 1998, p. 98 apud SILVA, 2008, p. 72, tradução nossa).

Para Senna (2014), o conceito de capital social desenvolvido por Coleman pode ser explicado da seguinte maneira:

O conceito de capital social é definido como variedade de entidades com dois elementos em comum: todas elas consistem num certo aspecto das estruturas sociais e facilitam determinadas ações dos atores, pessoas ou atores coletivos dentro dessa estrutura. (SENNA, 2014, p. 20).

Aproveitando-se ainda da visão de Coleman, podemos destacar que “Para o autor, o capital social é importante para o alcance de objetivos e interesses concretos. Destaca ainda que as relações baseadas na lealdade e confiança são capazes de gerar recursos úteis” (SENNA; PRADO; BARBOSA, 2015, p. 158). O conceito desenvolvido por Coleman parte da sua função, que gera três elementos que possuem esta funcionalidade: obrigações, expectativas e lealdade; canais de informações; normas e sanções. (SENNA, 2014, p. 31). Portanto, podemos destacar que para Coleman o capital social é gerado principalmente a partir das conexões sociais e tem como elementos a lealdade e a confiança.

Muito influenciado pelo trabalho de Coleman, no início dos anos 90, Robert Putnam, cientista político estadunidense, consegue transformar o capital social, em um tópico de pauta nos debates das Ciências Sociais. Robert Putnam, se destacou por popularizar o conceito de capital social com o seu trabalho de noção cívica na Itália e nos Estados Unidos, onde concluiu que a representação social e política é fortemente influenciado pelo envolvimento cívico da população nos assuntos inerentes a comunidade. (SILVA, 2008).

Segundo Silva (2008), Putnam realizou estudos do capital social a partir de uma micro concepção e como resultado obteve a conclusão de que quanto maior é a intensidade do envolvimento ou participação da população cívica em questões sociais, melhor é o funcionamento da sociedade. Desse modo, podemos entender que para Putnam, o capital social possui uma relação estreita com o envolvimento e a participação cívica, pois a partir das ligações entre pessoas em suas vidas comunitárias foi que Putnam definiu o capital social. O autor entende o capital social como características intrínsecas a vida social.

Na percepção de Putnam (1993) “o capital social corresponde as características da organização social que criam externalidades para a comunidade como um todo”. (PUTNAM, 1993 apud SILVA, 2008, p. 74). Ou seja, Putnam (1993) entende que a capacidade dos atores sociais de agirem em conjunto é uma forma mais eficaz de se atingir objetivos coletivos.

Na visão teórica de Putnam, o capital social está relacionado especialmente às conexões sociais e tem como principal elemento a reciprocidade e a confiança. (RECUERO, 2005). Para Recuero (2005), Putnam reconhece que o capital social pode ser gerado tanto pelo grupo quanto pelo indivíduo. Para o teórico, “o capital social é relacionado à um determinado grupo (rede social)”. (RECUERO, 2005, p. 3). Recuero (2005), entende que na perspectiva de Putnam o capital social assume dupla faceta: a primeira faceta está relacionada ao individual e a segunda faceta está relacionada ao coletivo.

O capital social tem, deste modo, dupla faceta: coletivo e individual. Diz respeito ao indivíduo, a partir do momento que este é que pode alocar esses recursos e utilizá-los. É coletivo, porque faz parte das relações de um determinado grupo ou rede social e somente existe com ele. O capital social, portanto, apenas existe enquanto um recurso coletivo, mas por ter capacidade de ser alocado e utilizado individualmente, tem este caráter duplo. (RECUERO, 2005, p. 3).

Como consequência do estudo do conceito de capital social na visão desses três autores e na literatura de embasamento, podemos analisar a diferença entre os conceitos dos autores supracitados. Em uma breve análise sobre a teoria de Bourdieu e de Coleman, conclui-se que:

Enquanto Bourdieu se preocupa mais com as questões da disposição para adquirir, manter e transmitir o capital social [...] Coleman está mais interessado no modo como o capital social se pode tornar um recurso, nas estruturas sociais, que pode ser utilizado (tal como outras formas de capital) para os indivíduos atingirem certos objetivos/interesses. (SILVA, 2008, p.73).

Todavia, os dois autores possuem congruência acerca do conceito, tanto Coleman, quanto Bourdieu, compartilham do princípio da intangibilidade do capital social quando comparado a outras formas de capital (SILVA, 2008), além de defenderem que “o capital social pode constituir um recurso, disponível nas redes de relações sociais, que os indivíduos podem utilizar para atingirem certos objetivos”. (SILVA, 2008, 73).

Pelo fato da pesquisa de Putnam ter sido embasada pelos pressupostos teóricos advindos da pesquisa de Coleman (SILVA, 2008) o trabalho de Putnam também possui contrapontos com relação ao trabalho de Bourdieu. Putnam e Bourdieu possuem conceituações distintas com relação ao capital social.

Para Putnam, o capital social é um conjunto de recursos possuídos pelo grupo, enquanto que para Bourdieu, ele é uma consequência das relações sociais, que é percebida pelos envolvidos *in abstracto* (e que é, deste modo, passível de ser transformado por eles em outra forma de capital). (RECUERO, 2005, p. 3).

Faz-se necessário destacar que alguns autores da literatura criticam o conceito de Bourdieu, por este ter influência marxista e por possuir “um caráter individualista, a partir do momento em que se foca na capacidade de um indivíduo em contribuir e utilizar os recursos coletivos para seus próprios fins através da transformação deste capital em outro”. (FLORA, 1998, p. 282-284 apud RECUERO, 2005, p. 3).

Entendido o contexto contemporâneo do termo capital social, a partir da visão dos três maiores teóricos do assunto, passamos a discorrer sobre o conceito através da ótica das relações e interações sociais, enquadrados no que se pretende desenvolver na presente pesquisa.

De uma maneira geral, podemos descrever o capital social é uma perspectiva teórica que possui uma significativa diversidade de abordagens conceituais, compreende conceitos multidisciplinares e está presente em várias áreas do conhecimento humano como, por exemplo: Sociologia, Economia, Antropologia e outras (NEVES; PRONKO; MENDONÇA, 2012), portanto, pode ser considerado como um conceito interdisciplinar. Olinto e Medeiros (2013) destacam que:

Capital social é um conceito relacionado a uma abordagem teórica complexa que tem sido utilizada por várias disciplinas para o estudo de diversos aspectos da estrutura e dinâmica da sociedade (OLINTO; MEDEIROS, 2013, p. 236).

O conceito de capital social está intimamente ligado à perspectiva de que as relações sociais, o envolvimento de grupos e suas interações, podem gerar transformações no indivíduo, no grupo ou na comunidade. O capital social auxilia o desenvolvimento da sociedade e como consequência o desenvolvimento dos indivíduos envolvidos no processo. De acordo Coleman, 1988; Putnam, 1993, p. 177-179; Portes, 1998 citado por Furlanetto, 2008, que por sua vez, foram citados



também por Olinto e Medeiros (2013), no momento em que um indivíduo se insere em uma comunidade ou um grupo cria uma comunidade, essas relações formam uma rede social, onde se cria uma densa relação onde os atores envolvidos possuem benefícios. Aponta-se que há um entendimento na literatura acerca de que o capital social está relacionado à habilidade das pessoas em garantir alguns benefícios através das associações ou de outras instituições coletivas alicerçadas pela confiança, normas e costumes (OLINTO; MEDEIROS, 2013).

O capital social pode ser compreendido como um bem coletivo, que é construído por meio das relações sociais estabelecidas em um meio inter-organizacional, onde os atores participantes (indivíduos e organizações) possuem algumas vantagens, tais como: os recursos intelectuais. (GARCIA, 2015). Um dos paradigmas do capital social está relacionado com a mudança social “através da colaboração e da cooperação dos cidadãos, disseminando valores de solidariedade, de sentimento de prosperidade, de forma a possibilitar a construção de uma sociedade solidária” (GARCIA, 2015, p. 137).

Temas bastante distintos como as relações de poder, as desigualdades sociais, o desenvolvimento comunitário e a inovação em processos econômicos e organizacionais têm sido abordados pela ótica do capital social. De maneira muito abrangente, capital social pode ser entendido como as vantagens ou os resultados positivos obtidos através da rede de contatos de um indivíduo; pode significar também, para algumas abordagens, os resultados positivos – que beneficiam indivíduos e comunidades - advindos das redes de relacionamentos voltadas para o engajamento cívico e a cooperação entre indivíduos e grupos. (OLINTO, G.; MEDEIROS, A., 2013, p. 236)

Como Olinto e Medeiros (2013), bem descreveram no trecho supracitado, o capital social está relacionado a distintas esferas da convivência humana, a palavra de ordem do capital social é a cooperação, e a partir desse ponto, é que iremos analisar o capital social dentro das relações humanas contidas nas bibliotecas, seja ela de qual tipo for. Para estruturar a análise, focaremos “numa classificação simples do capital social de acordo com a sua abrangência (unidades de observação), as suas formas (manifestações) e os canais (meios) através dos quais se torna visível” (SILVA, 2008, p. 69).

A partir do que foi apresentado nessa seção, temos um panorama da importância do capital social, porém entendemos que o conceito de capital social

não é isolado, e está associado a relações entre pessoas individuais ou coletivas. Para explicar melhor essas associações, na próxima seção, tratamos a respeito das redes sociais.

## 2.3 REDES SOCIAIS

As redes sociais como instrumento de estudo vêm sendo analisada pela sociologia desde o final do século XIX (SENNA, 2015).

Pelo fato de o capital social estar associado a um grupo e inserido nas relações entre pessoas individuais ou coletivas, entendemos que é importante desenvolver o conceito de redes sociais e os fenômenos principais aí implicados. (SENNA, 2015, p. 4).

A abordagem de redes é importante porque enfatiza as conexões entre os indivíduos. Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos) e suas conexões. Trata-se, assim, de uma abordagem focada nas estruturas sociais. “Assim, como o conceito de capital social, as redes sociais são objeto de conteúdo interdisciplinar, com a característica de estarem inseridas na organização social baseadas em conexões” (SENNA, 2015, p. 5).

Percebemos que os atores individuais possuem as mesmas qualidades e os modos de comportamento com os quais ele forma a coletividade e com o qual ele se introduz no espírito comum. A identidade individual é ao mesmo tempo sua integração com o outro; é uma dialética interessante já que sabemos quem somos nos referenciando no que está no externo. Este mundo social é uma complexa interação entre pessoas, objetos e fenômenos, formando redes inimagináveis. (SENNA, 2015, p.5).

Estudos recentes apontam que pensar em redes sociais indica que este fenômeno emerge de uma complexidade advinda dos laços localizados na estrutura social possibilitando assim diversos tipos de interpretação. Segundo Higgins (2005) a “geração de confiança e o controle da deslealdade são produtos das relações interpessoais concretas e das redes nas quais estão inseridas” (HIGGINS, 2005, p. 114 apud SENNA, 2015, p. 3).

Segundo Senna (2015), podemos assumir que o eixo de sustentação das redes sociais está intimamente ligado aos atores sociais que alimentam as conexões

com outros autores e assim vão formando vínculos. Esses vínculos, se relacionam a ações de indivíduos organizados, onde as ações é o núcleo das relações sociais.

A partir dos conceitos explanados anteriormente, verificamos a necessidade de apresentar uma seção sobre o terceiro setor e espaços não formais de educação como geradores de capital social, com o intuito de desenvolver esses conceitos para uma melhor explicação da relação entre a biblioteca comunitária e a produção do capital social.

## **2.4 O TERCEIRO SETOR E ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO COMO GERADORES DE CAPITAL SOCIAL**

Nesse item apresentamos os conceitos relacionados ao terceiro setor, sua intervenção na sociedade e outros espaços sociais de educação. Como consequência discorre-se sobre esses espaços de educação e como são reconhecidos. Esses conceitos são trabalhados com a idealização de demonstrar como é gerada a produção do capital social a partir da iniciativa do terceiro setor brasileiro.

No Brasil, assim como acontece em outros países em desenvolvimento pelo mundo, especialistas, têm observado um fenômeno crescente, no terceiro setor. Esse novo setor que coexiste com os outros dois setores da sociedade, denominados: primeiro setor e segundo setor. O Primeiro Setor é aquele no qual, a destinação e a origem dos recursos são por meio de órgãos públicos, ou seja, capital público que corresponde aos investimentos públicos que o Estado faz e é revertido para o bem social da população como saúde, segurança, educação e outros. O Segundo Setor da economia está relacionado ao capital privado, o qual a aplicação de recursos é revertida em benefício próprio de seus investidores e atualmente aplicam recursos em benefícios das populações desfavorecidas.

O Terceiro Setor constitui-se a partir de redes formadas por voluntários, no qual produz movimentos que geram públicas de pessoas físicas ou coletivas, ou seja, há uma atuação não estatal, formada a partir de uma iniciativa privada, sem fins lucrativos, voltada exclusivamente para o bem comum de um determinado nicho populacional. O Terceiro Setor ainda é uma ideia polêmica e seu conceito têm variações conforme os autores. Contudo costuma estar referenciada pelas

expressões “organizações sem fins lucrativos” ou “organizações voluntárias”. (SENNA, 2015).

O Terceiro Setor surgiu para representar a mobilização voluntária, independente e organizada de pessoas que veem no seu cotidiano a necessidade de transformar o ambiente onde vive. “Os objetivos dessas organizações são sociais e observa-se seu caráter, muitas vezes filantrópico e com trabalho voluntário e uma rede de cooperação”. (SENNA, 2015, p. 64). A cooperação nasce a partir do desejo de fazer parte do meio, de fazer a diferença. Para Campo e Silva a cooperação está relacionada ao sentimento ligado a “esse sentido de estar, de fazer parte, de ser integrante ativo de sua comunidade e do mundo pode ser o elemento que gera o desejo de construção do coletivo”. (CAMPOS; SILVA, 2006, p. 124).

Conforme Gohn apud Senna (20015) há três abordagens para observar o Terceiro Setor:

I) é uma abordagem utilitarista, segundo a qual a lógica racional move as pessoas e as ONGs, inserindo-se nos conceitos da teoria da ação racional; II) está baseada no assistencialismo voluntário e em ações integradoras que visam a eliminar tensões e conflitos do contexto; III) fala do ator social emergente e da experiência desse, de seus recursos e de sua capacidade de influenciar os outros (de sua posição). (GOHN 2010, p. 14 apud SENNA, 2015, p. 64).

A partir das abordagens supracitadas, podemos fazer uma ligação com o capital social, visto que

Nesta ação ativa coletiva [há] uma importante fonte de capital social porque mesmo aqueles que não se conhecem, mas estão inseridos nas redes experimentam a reciprocidade para alcançarem objetivos comuns. (PUTNAM, 2003 apud SENNA, 2015, p. 61).

Esse tipo de gestão que pode ser considerada inovadora, no sentido de não querer obter lucros financeiros e sim a prestação de um serviço que é voltado para a comunidade com a intenção de obter recursos como retorno através da geração de capital social. Tem sido uma constância na sociedade em que grupos se organizam para proporcionar melhorias nas diversas áreas de desigualdade social.

A representação do terceiro setor por organizações não governamentais – ONGs mostra a iniciativa social da sociedade civil em criar formas de ação que passam a atuar em espaços de educação não formais ou informais, almejando como resultado uma melhoria social, educacional e cultural significativa para a região em que a ONG atua. A valorização social é um dos principais objetivos das ONGs, que

visam dentro de uma determinada comunidade trabalhar junto aos seus moradores com a intenção de melhorar a realidade encontrada naquele local. A educação formal é aquela oferecida pelas escolas e universidades, ou outras instituições institucionalizadas, esses espaços dispõem de padrões e precisam cumprir com normas e legislações. São espaços reconhecidos e enraizados pela sociedade, como lugar de ensino e aprendizagem, possuem uma estrutura própria e em alguns casos são bem planejados (no caso das escolas particulares e algumas poucas públicas, o mesmo serve para as universidades). Nesse ambiente formal de aprendizagem, o conhecimento é gerado a partir de didáticas reconhecidas pedagogicamente, a fim de transmitir conhecimento ao aluno. “As práticas educativas da educação formal possuem elevados graus de intencionalidade e possui obrigatoriedade garantida em lei, além de ser o maior instrumento de capital cultural e humano em nossa sociedade” (SENNA, 2015, p. 56).

Discutindo sobre o terceiro setor, não podemos deixar de citar a ligação com a educação em espaços não formais, visto que as ações sociais de atores coletivos que são produzidas pelas ONGs e outras associações são caracterizadas como ações de educação não formal, pois envolve outras atividades educacionais não determinadas pelas diretrizes escolares tradicionais.

Estamos passando por um momento paradoxal na educação pública brasileira. A realidade de muitas instituições de ensino público no país, hoje está na linha da precariedade, por isso, perde-se o espaço social dentro da escola, o que aumenta a distância entre a instituição e realidade do aluno. A falta de perspectiva do aluno e o não tato para o reconhecimento de habilidades apresentadas pelo aluno por parte da escola, questões econômicas e até familiares, acabam afastando e gerando uma falta de interesse do aluno em permanecer no ambiente escolar. Esses fatores e muitos outros que podem ser de características particulares ou públicos, levam a evasão escolar. Por conta da escola se manter nessa posição distante da realidade, muitas outras opções de educação estão sendo criadas para suprir a falta de habilidade das escolas em relação a vida de seus alunos e complementar a lacuna deixadas pelas escolas.

Cria-se então, em outros espaços sociais, trazer mais recursos educacionais que ampliam a compreensão da cultura e da sociedade pelos atores sociais. Destaca-se que muitos projetos que são voltados para crianças e adolescentes

obrigam esses a estarem devidamente matriculados na escola regulamentar para a participação nas atividades realizadas pelos projetos.

Outro conceito a ser apresentado sobre educação, é o conceito de educação informal. De modo geral, podemos compreender a educação informal como a educação que nos é transmitida a partir das relações familiares, com os amigos, em igrejas e outras formas de convivência. Em outras palavras podemos dizer que a educação informal está associada a qualquer forma de socialização do indivíduo.

Numa concepção mais generalizada a educação informal pode referir-se a todas as formas de aprendizagem sem intencionalidade, não institucionalizada e que ocorre pelas muitas experiências de vida de um indivíduo. Contudo, não há uma única definição para esse fenômeno e, como um fato social que é, existem divergências de ideias entre os pesquisadores do assunto quanto à definição deste termo. (SENNA, 2015, p. 55).

A partir dos conceitos apresentados acima, podemos então, ter noção da importância do terceiro setor para a sociedade brasileira e principalmente ter a consciência que a sociedade civil quando organizada consegue mudar a realidade do meio em que vive, mesmo em meio a tanta desigualdade, atores sociais encontram uma maneira coletiva de superar as dificuldades e realizar transformações sociais. Por isso, consideramos que:

O conceito de educação não formal é usado para descrever uma educação fora do ambiente escolar, não possuindo obrigação legislativa, podendo ser oferecida por diversos setores civis, como, por exemplo as associações voluntárias, tendo assim, um caráter mais livre nas escolhas de seus conteúdos educativos (SENNA, 2015, p. 56).

Associações e organizações sem fins lucrativos conseguem lidar muito bem com a falta de recursos, através do trabalho voluntário e de doações advinda de outras pessoas físicas e às vezes até mesmo do comércio local, pequenas empresas e outros meios de doações, é o caso da Associação Vida Feliz que é apresentada na próxima seção.

Esta interseção entre conceitos e ideias e as ações realizadas por atores coletivos é que poderá permitir aos atores das favelas ou de qualquer espaço de desigualdades socioeconômicas, a terem acesso ao capital social que crie maior possibilidade de recursos culturais e educacionais (SENNA, 2015, p. 55).

## 2.5 A ASSOCIAÇÃO VIDA FELIZ

Segundo o site do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas– SEBRAE (2015), “o termo associação agrega uma série de modelos de organização que possuem objetivos e finalidades diferentes entre si, mas que se unem sob essa nomenclatura por possuírem características básicas semelhantes”, tais características podem ser resumidas como: reunião de duas ou mais pessoas em prol de realizar objetivos comuns; patrimônio construído através de contribuições, doações e/ou subvenções; livre tomada de decisão por parte dos associados; são entidades de direito privado e outras (SEBRAE, 2015).

Ainda de acordo com o site do SEBRAE (2015), temos de modo geral que “essas organizações não têm a atividade econômica como objetivo principal, mas defende os interesses de um grupo que encontrou na união de esforços a melhor solução para determinados problemas”. É nas relações recíprocas dentro das associações que nasce a geração de capital social como extensor de pontes, pois é quando as relações criam laços fortes capazes de mudar e transformar a realidade, os pensamentos e a vida de um indivíduo, de um grupo, de uma comunidade.

A Associação Vida Feliz, segundo seus criadores, é uma entidade sem fins lucrativos, criada por pessoas físicas que se uniram em prol de um bem comum, o progresso da comunidade de Ilha de Guaratiba. A entidade criadora da Biblioteca comunitária José Vieira Filho, é a Associação Vida Feliz, ambas as instituições funcionam no mesmo endereço, ambas também foram idealizadas, criadas e são coordenadas até hoje pelo senhor Cid Thomé e pela Senhora Ieda Thomé.

A associação foi criada em 1999, com o objetivo de gerar entretenimento para os jovens de terceira idade, oferecendo passeios, palestras e outras atividades, voltadas exclusivamente para o bem-estar da terceira idade. Enquanto que a biblioteca só foi criada três anos depois, em 2002, quando a associação mudou de foco, passou a focar em toda a comunidade e não somente na terceira idade.

Atualmente, a associação objetiva promover ações sociais voltadas à cultura, lazer, esporte e educação no bairro, as atividades promovidas, variam entre as seguintes faixas etárias: desde crianças a partir dos sete anos de idade até idosos, sem limite de idade, como os próprios criadores costumam dizer, o trabalho social não tem idade e é voltado para todos os públicos.

Entre as diversas iniciativas da Associação Vida Feliz, a que mais se destaca é a biblioteca, pois hoje, todas as atividades realizadas na associação, gira em torno da biblioteca, esta realiza a promoção de cultura, ensino, leitura e principalmente age como um local de mediação entre a comunidade e o aprende. É válido destacar que o aprender tem o valor da Competência informacional, aprender a aprender. Destacar que todas as outras iniciativas da Associação Vida Feliz só existem por conta da biblioteca, visto que após a criação da biblioteca é que se desenvolveu a maioria dos projetos da associação.

Diante dos conceitos apresentados acima, faremos uma analogia entre os conceitos de biblioteca comunitária e capital social para estabelecer uma ligação entre eles e no próximo capítulo iniciaremos a etapa inerente aos procedimentos metodológicos, discorrendo sobre os métodos e técnicas escolhidos para a realização desta pesquisa, a fim de comprovar se há produção de capital social e com isso recursos culturais e educacionais na Biblioteca Comunitária José Vieira Filho.

## **2.6 A BIBLIOTECA COMUNITÁRIA**

Nessa seção é feita uma revisão bibliográfica a respeito do conceito de biblioteca comunitária. Muitos teóricos da área como Almeida e Machado (2006), afirmam que há uma grande dificuldade para definir o que é Biblioteca Comunitária. (Blank; Sarmiento, 2010). Portanto, neste estudo, cabe aqui trazer a luz do entendimento uma concepção do que seja a instituição biblioteca, em seu âmbito geral, afim de traçar um panorama do que é biblioteca comunitária.

Para tal, utiliza-se o conceito de Senna, Santos e Miranda (2010) por entender-se que essa definição se enquadra mais adequadamente a biblioteca como espaço de socialização cultural, de memória e de prestação de serviço à comunidade, além de relacionar a biblioteca com o conceito que fundamenta a biblioteca comunitária no decorrer desse trabalho. Para os autores:

A biblioteca não é apenas um depósito classificado de acervo em diversos suportes, mas um conceito: sistema aberto de serviços reserva de memória, representação do conhecimento e acervo cultural e artístico de um povo, de uma comunidade, de um tempo. (SENNA; SANTOS; MIRANDA, 2010, p. 2).



O conceito de biblioteca acima apresentado é de vital importância para entendermos a pertinência da existência de bibliotecas dentro do contexto social, político e econômico do Brasil. A partir daí podemos assumir que o surgimento de bibliotecas comunitárias se motiva devido à exclusão socioeconômica que a população residente em comunidades afastadas dos grandes centros urbanos ou periféricas sofrem como observado por Blank e Sarmiento (2010):

Constata-se que o modelo de política econômica e social da sociedade atual fortalece a necessidade de desenvolvimento destes espaços [bibliotecas comunitárias], que com o passar dos anos têm se mostrado como um tipo específico de biblioteca: uma unidade de informação voltada para a comunidade. (BLANK; SARMENTO, 2010, p. 2).

Ao se discutir sobre biblioteca ou unidade de informação direcionada para o atendimento a comunidade, é preciso ter certa cautela. Uma vez que, bibliotecas comunitárias e bibliotecas públicas, estas últimas muitas vezes, também, chamada de biblioteca popular, são constantemente confundidas e seus termos utilizados como expressões do mesmo sentido. É necessário distinguir que há uma diferença, tanto no que diz respeito à nomenclatura, quanto nas atividades realizadas nesses dois tipos de biblioteca. Apesar da missão de ambas serem voltadas para a comunidade, suas estruturas organizacionais, seus objetivos e métodos de trabalho são distintos. Por consequência disso é indispensável destacar a diferença entre os conceitos: biblioteca comunitária e biblioteca pública, dado que no Brasil, frequentemente, esses dois conceitos são utilizados como sinônimos. Com base no Manifesto da UNESCO para bibliotecas públicas, Machado e Vergueiro (2011), criaram e utilizam a seguinte definição:

Biblioteca pública é conceituada como aquela instituição de informação formalmente criada pela administração pública e com vinculação direta a um município, estado ou federação, que segue as diretrizes apontadas pelo Manifesto da UNESCO para bibliotecas públicas. (MACHADO; VERGUEIRO, 2011, p.54).

Ao passo que a criação da biblioteca pública advém de uma iniciativa governamental e é mantida pelo poder público, a biblioteca comunitária surge a partir do interesse da população e não possui vínculo direto com instituições governamentais. A biblioteca comunitária é criada e gerida “por um grupo organizado de pessoas, com o objetivo comum de ampliar o acesso da comunidade

à informação, à leitura e ao livro com vistas para a emancipação social” (MACHADO 2008, apud MACHADO; VERGUEIRO 2011, p. 54).

Sendo o número de bibliotecas públicas e escolares, por omissão do poder público, insuficiente para suprir as necessidades de informação e cultura, surgem cada vez mais iniciativas visando à criação de bibliotecas comunitárias, sobretudo nos bairros de periferia. A carência de espaços públicos e as dificuldades de acesso ao livro são fatores que levam a criação dessas bibliotecas. (BOTELHO, 2012).

De acordo com a citação de Botelho, podemos definir que a gênese da maioria das bibliotecas comunitárias está diretamente relacionada com a necessidade de auxílio suplementar aos serviços de informação, nas localizações onde se encontram esse tipo de biblioteca. Geralmente este tipo de biblioteca está alocado em comunidades periféricas e fora dos grandes centros urbanos, pelo fato de haver escassez de serviços públicos, principalmente nas áreas de educação, cultura e lazer. “As bibliotecas comunitárias e os espaços públicos de informação são uma reação da própria comunidade no combate às desigualdades de acesso à informação [...]” (MACHADO, 2008).

Pode-se identificar também nas bibliotecas comunitárias a predileção por ações voltadas para a leitura do livro impresso. Possivelmente isso está relacionado ao fato dos problemas de recursos financeiros que as mesmas sofrem. Como as bibliotecas se formam a partir doações dos próprios moradores, a realidade dos itens impressos se torna a principal forma de contato com a informação. Almeida Junior (1997) ressalta que esta predileção faz com que a biblioteca comunitária se aproxime da biblioteca pública. Afirma ele:

[...] a constatação do desenvolvimento do hábito de leitura entre os principais objetivos das bibliotecas comunitárias evidencia um apego quase que incondicional ao suporte livro, levando à certeza de que essas bibliotecas priorizam esse tipo de suporte, em nada se distinguindo das bibliotecas públicas. (ALMEIDA JUNIOR, 1997, p.23).

Devido a isso, as bibliotecas comunitárias têm trabalhado em prol do desenvolvimento da comunidade onde se insere como agente transformador no âmbito social e cultural. As bibliotecas comunitárias tendem a exercer o papel de centros culturais em primeiro plano, por realizarem ações pertinentes a esse tipo de desenvolvimento. Embora isso ocorra, as bibliotecas comunitárias não deixam de

ser biblioteca. Logo, essa associa suas ações culturais a projetos de desenvolvimento, como por exemplo, de leitura. Basicamente suas ações ligadas à leitura são prioritariamente para desenvolver e fomentar leitores.

Em países em desenvolvimento, como no caso do Brasil, essa situação é bastante preocupante, pois mostra o despreparo das esferas governamentais com a responsabilidade sociocultural e educacional de um país. O despreparo governamental acaba remetendo para as mãos da sociedade civil a responsabilidade de levar para as comunidades o acesso à informação. Grupos organizados de pessoas que tem como o principal objetivo suprir a carência informacional de áreas socialmente excluídas, auxiliando assim a promoção à cidadania, realizando assim o papel das políticas públicas que deveriam ser exercidas pelo governo.

A biblioteca comunitária, como o próprio nome já diz, geralmente é uma biblioteca criada pela comunidade com a finalidade de auxiliar a própria comunidade. Nesses espaços, que muitas vezes são improvisados em locais não adequados para seu funcionamento, possuem as suas coleções arranjadas de maneira improvisada, o que reflete também na organização do acervo que se faz de maneira improvisada. Essa situação acontece em razão de que todo serviço e produto oferecido para a comunidade é prestado por voluntários e recebido por meio de doações, sejam da própria comunidade ou não. As circunstâncias de funcionamento de uma biblioteca comunitária, muitas vezes são precárias, porém esse cenário negativo não é maior do que o propósito existencial da mesma que está diretamente relacionado a demanda e/ou necessidade de informação e serviços dentro da comunidade, como Santos, Senna e Miranda (2010), destacam:

As bibliotecas comunitárias são territórios construídos pela própria comunidade, possuem flexibilidade e uma postura de autonomia. A comunidade, com suas vidas economicamente carentes, busca fazer realidades que lhes são próprias e que convivem com “o fazer” próprio da cultura dominante. (SENNA; SANTOS e MIRANDA, 2010, p. 4).

As demandas de uma biblioteca comunitária advêm das lacunas deixadas pelos governos, a não prestação de serviços públicos essenciais, a carência gerada nas comunidades pela falta desses serviços e outros motivos inerentes a comunidade, tais como violência e tráfico de drogas. Esses motivos fazem com que

a instituição biblioteca comunitária dentro de um espaço social, seja para a comunidade um modo de reconhecimento de habilidades que a valoriza perante a sociedade, visto que tal iniciativa colabora para o acesso e a disseminação da informação que se torna um modo de colaboração para a diminuição de desigualdades e promoção da inclusão informacional e social. Para a comunidade, “a biblioteca comunitária, é vista como um recurso de recreação, cultura e educação de agrupamentos sociais de uma área geográfica específica”. (STUMPF apud ALMEIDA, p.84, 1997).

Em razão disso, as bibliotecas comunitárias têm se inserido nas comunidades como um agente transformador de parâmetros social e cultural, trabalhando em prol do desenvolvimento da comunidade. Por ser constituída pela própria comunidade, e por se verem excluídos socialmente do acesso aos círculos culturais e informacionais, as bibliotecas comunitárias se erguem como um “grito social” onde a própria comunidade demonstra querer exercer o direito a ter o devido acesso à leitura, a informação, a cultura e ao lazer. Uma vez que esses direitos básicos são dificultados pela falta de ações governamentais, muitas vezes segregacionistas, onde não há uma clara proibição, mas o distanciamento e a não divulgação da existência desses aparelhos culturais e informacionais geram para uma parcela da sociedade uma marginalização. É importante frisar que esses mecanismos governamentais de ações culturais não acontecem nessas localidades, o que dificulta mais ainda o acesso dessa parcela populacional.

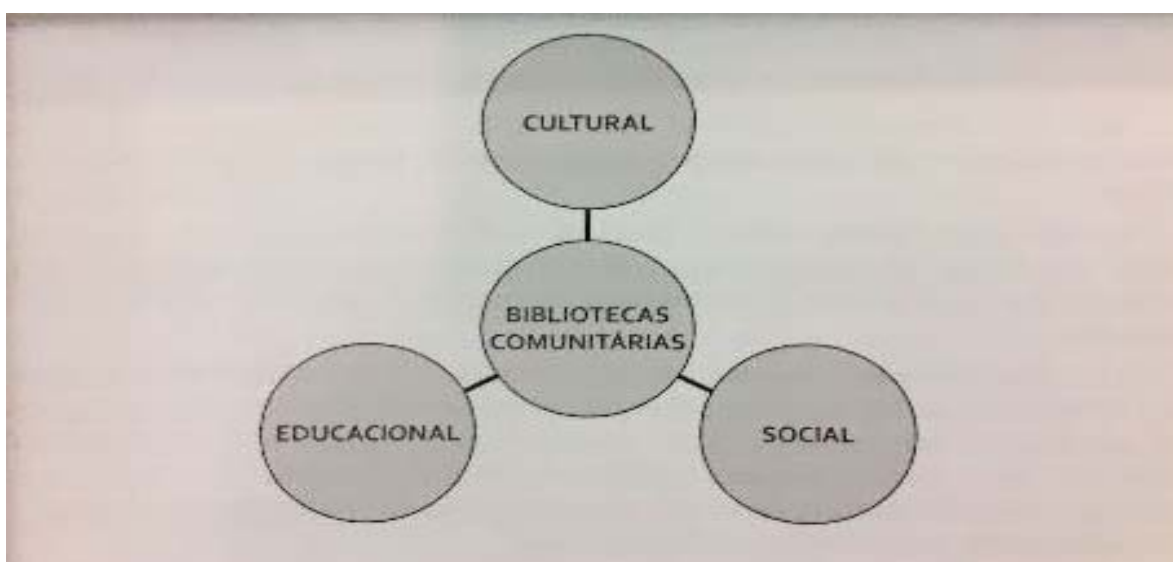
A biblioteca comunitária surge como uma desconstrução do paradigma social excludente, no qual remete que aquela população não tem acesso a informação por estar à margem da sociedade. Por isso, a biblioteca comunitária possui o objetivo de realizar ações voltadas para as necessidades da sua comunidade, bem como adequar-se à realidade de seus usuários. Blank e Sarmiento (2010) afirmam que as bibliotecas comunitárias buscam ter um regime de funcionamento diferenciado dos demais tipos de biblioteca.

A parte mais substancial do trabalho social da biblioteca comunitária, é atuar como agente transformador do seu meio e na realidade de seus usuários agindo especialmente no cotidiano de cada um de seus usuários, promovendo uma metamorfose na vida dos mesmos como cidadãos. As mudanças ocorrem através dos serviços prestados para a comunidade, seja no auxílio ao usuário com o fornecimento de informações básicas, como, por exemplo, a emissão de carteira de

trabalho, segunda via de documentos ou outras informações pontuais relacionadas por Grogan no serviço de referência como questão de localização de fatos (Grogan, 2001), ou auxiliando o usuário na pesquisa a fontes de informações, ou em outras atividades referentes ao serviço de referência de uma biblioteca.

Para Cavalcanti, a biblioteca comunitária é erguida sobre três pilares, sendo eles: cultural, educacional e social. “A biblioteca comunitária é, portanto, veículo de valorização da diversidade cultural, caminho para a geração de autonomia social e fortalecimento da educação transformadora”. (CAVALCANTI, 2014, p. 31). Sendo assim, “talvez a principal característica desses espaços comunitários de informação é ser uma iniciativa dos membros da comunidade (...)” (GUEDES, 2011, p. apud ALMEIDA; MACHADO, 2006, p. 19).

Figura 1: esferas da biblioteca comunitária



Fonte: Livro: Biblioteca comunitária, 2009.

A criação de bibliotecas comunitárias a partir dessas três esferas: sociais, culturais e educacionais, geram na comunidade uma segurança advinda do próprio trabalho social de membros da comunidade. O trabalho coletivo presenteia a comunidade com ações sociais, culturais e educacionais, a nível que cada uma dessas estruturas representam uma falha deixada pelo poder público. A inclusão social criada através dos projetos realizados pela biblioteca gera uma condição favorável para o meio de convivência social, podemos citar como exemplo a diminuição de crianças com o tempo ocioso nas ruas.

Com relação à esfera educacional, o trabalho exercido pela biblioteca, aumenta as chances de mudança no patamar social da educação, temos como exemplo, a inclusão da leitura.

Com relação ao trabalho cultural, leva-se até a comunidade o acesso à cultura, através de exibição de filmes, oficinas de artes, entre outras medidas culturais. Por tanto, pode-se dizer que essas esferas se trabalhadas de maneira adequadas geram na vida social de um indivíduo mudanças inenarráveis e incalculáveis. Com o suporte das três esferas, cria-se em torno da biblioteca uma cultura de um espaço onde a população é “abraçada” pelos mentores do projeto e ali podem encontrar estímulos relacionados à redução da desigualdade, seja social, informacional, cultural ou educacional.

Quanto à visibilidade do que se busca provocar com o desenvolvimento das bibliotecas comunitárias, do ponto de vista da reação social e da marginalização das comunidades, Machado (2008) aponta que “É interessante perceber que a biblioteca comunitária surge como um poder subversivo de um coletivo, uma forma de resistência contra hegemonia, de quase enfrentamento social [...]”. As barreiras enfrentadas para manter uma biblioteca são muitas, e por isso é de significativa importância salientar que a realização do projeto de uma biblioteca comunitária não provém apenas de recursos materiais, é também imprescindível que além dos recursos financeiros e materiais, haja um grupo estruturado de pessoas dispostas a trabalhar em prol de um objetivo coletivo.

Em conformidade com os teóricos da área, podemos constatar que as bibliotecas comunitárias são autogeridas, ou seja, são organismos autônomos, o que significa que desde sua criação, seu desenvolvimento, sua existência e seu mantimento, os responsáveis por toda administração são pessoas civis com vidas particulares comuns, contudo possuem objetivos coletivos. Concomitante a essa autogestão, temos a missão que rege a biblioteca que pode está diretamente e/ou implicitamente ligada ao estímulo da leitura e ao esforço para auxiliar na formação de criança, jovens, adultos e até mesmo de idosos. Além do árduo trabalho que se realiza para a redução das desigualdades que permeiam a região onde a biblioteca está inserida. Para desempenhar todas as funções de uma biblioteca, seus membros utilizam de recursos, voltados para o desenvolvimento intelectual de seus usuários. Esses recursos, contam por exemplo com meios de comunicação, como, computadores ligados à rede mundial de internet, tablets, cursos *online*, entre

outros. Porém mesmo nos dias atuais o principal recurso dessas instituições ainda são livros físicos advindos de doações de populares ou empresas privadas.

Entendido o contexto sociocultural onde a maioria das bibliotecas comunitárias são criadas, passamos a discutir sua conceituação e entender do que se difere das demais bibliotecas. Como já foi supracitado, o termo biblioteca comunitária é de difícil definição, por esse motivo, houve a importância de delimitar a definição aqui empregada. De maneira mais abrangente adotamos nesse trabalho uma definição geral, a qual é encontrada no Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia, de Murilo Cunha e em Cordélia Cavalcanti:

Biblioteca comunitária, *community library* BIB biblioteca pública que provê serviços de referência e de empréstimos, aconselhamento e outros serviços a uma comunidade específica. 2. Biblioteca pública criada e mantida por iniciativa da comunidade, sem intervenção do poder público. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 49).

Cunha e Cavalcanti (2008) definem a biblioteca comunitária como uma ramificação da biblioteca pública por entenderem que os mesmos serviços que são prestados em uma biblioteca pública também estão presentes em uma biblioteca comunitária, pois tanto uma quanto a outra, possuem instrumentos transformadores nas circunstâncias as quais a população está exposta, o que contribui para o desenvolvimento da população e do bairro na qual ela está inserida, é uma forma de reafirmação de valores sociais compartilhados pelo meio que promove a integração social.

Diante das colocações apresentados acima, criou-se uma relação entre os conceitos de biblioteca comunitária e o capital social a fim de perceber como o capital social é gerado dentro das bibliotecas comunitárias. Utilizando como base, o uso de recurso de capital social nesses espaços e a partir do capital social o ganho de outros recursos.

## **2.7 CAPITAL SOCIAL EM BIBLIOTECAS**

Nessa subseção trataremos da interseção entre a biblioteca comunitária e o capital social. Para a explanação entre esses dois conceitos, precisamos ter a noção do papel das bibliotecas na sociedade.

A literatura mostra que a educação e a cultura constituem as bases da mudança social, da prevenção da violência e da criminalidade, causadas pelas desigualdades socioeconômicas nas grandes cidades e que, a criação de bibliotecas e centros culturais, em comunidades economicamente desiguais, é primordial para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos que nelas habitam. (SENNA; PRADO, BARBOSA, 2015, p. 156).

Hoje em dia, tem-se notado uma evolução social originada a partir da transformação de acesso aos meios de comunicação, particularmente por conta da internet. No âmbito da sociedade da informação, observa-se com maior frequência que o acesso à informação é capaz de gerar conhecimento e que através do conhecimento pode haver a criação do capital cultural, econômico e, principalmente, do capital social. (BOTELHO, 2012). Por tanto, a biblioteca passa a agir como agente de inclusão e integração do cidadão na sociedade de informação, visando atender a uma demanda social.

A biblioteca comunitária é muitas vezes reconhecida como centro social, como um local de socialização comunitária. Nesses espaços, é possível encontrar atividades de cunho social, cultural e educacional. Todas essas atividades são realizadas, muitas vezes sem o objetivo de gerar capital social, em prol de gerar recursos informacionais e esses recursos advêm da criação de capital social dentro da biblioteca. Para Olinto e Medeiros (2013) apud Lin (2005) o capital social é definido como: “recursos embutidos nas redes sociais em que o indivíduo está inserido, recursos estes que podem ser acessados ou mobilizados através dos contatos nessas redes”. (LIN, 2005, p. 4 apud OLINTO; MEDEIROS, 2013, p. 240). A partir dessa afirmativa podemos relacionar a biblioteca como uma fonte geradora de capital social.

Pode-se dizer em termos gerais que o capital social é criado através das relações sociais, e em outras palavras, o capital social não é materializado, é invisível e se encontra dentro das relações. Ele só ocorre no momento das interações, que nascem das relações entre pessoas, instituições, nações. No caso da biblioteca comunitária, o capital social, nasce da interação entre a instituição e o usuário ou entre instituições, proporcionando recursos informacionais, culturais, educacionais e outros. A partir dos estudos de Olinto e Medeiros (2013) podemos afirmar que: “quando os indivíduos que formam uma comunidade estão inseridos em redes sociais densas e conectadas, os efeitos positivos alcançam tanto o indivíduo quanto a comunidade como um todo” (OLINTO; MEDEIROS, 2013, p. 241).



O perfil social de uma biblioteca comunitária já é um indício de geração de capital social, na visão de Vårheim (2007, p. 421) apud Senna; Prado; Barbosa (2015, p. 166).

Os estudos, na área de capital social e bibliotecas públicas, estão ainda se iniciando. O autor aponta alguns pressupostos de como a biblioteca pode produzir capital social como: bibliotecas podem gerar capital social trabalhando com as associações voluntárias e, assim, aumentar a participação em atividades comunitárias locais; podem desenvolver em seu espaço locais de encontro informais de pessoas e podem criar o capital social no seu papel de fornecedores de serviços universais para o público. (Vårheim, 2007, p. 421 apud Senna; Prado; Barbosa, 2015, p. 166).

Desse modo podemos reconhecer que as bibliotecas comunitárias em seu âmbito social, trabalham para a produção de capital social em seu meio. A postura assistencialista adotada por esses tipos de biblioteca, não somente fazem com que elas sejam geradoras desse capital como também de outros capitais, como por exemplo, o capital cultural e o capital educacional, além de gerar recursos informacionais. As interações que ocorrem nesses espaços sociais são imensamente ricas no sentido de proporcionar ao usuário inúmeras relações interativas, sejam elas relações entre a instituição e pessoas ou entre pessoas e pessoas ou entre instituições e instituições.

Alguns autores ressaltam que o paradigma do capital social tem sido discutido no meio acadêmico de duas maneiras (GROOTAERT et al, 2004 apud FERRAZ; GOBB; LIMA, 2011). Como pode ser na citação abaixo:

A primeira maneira busca vincular o capital social à natureza e à extensão do envolvimento de agentes em redes informais e organizações cívicas formais. Nessa perspectiva, os autores veem o capital social como atributo de uma comunidade ou sociedade, com destaque para as redes de relacionamento como elemento do capital social. A segunda maneira foca os recursos aos quais os indivíduos podem ter acesso por meio das interações sociais. No primeiro caso, o capital social pertence ao grupo e não ao indivíduo. Já no segundo, o capital social traz componentes individuais. (FERRAZ; GOBB; LIMA, 2011, p. 82).

Com base na perspectiva apontada acima podemos destacar a partir da ótica dos estudos de Vårheim (2007), pontuado por Senna, em seus estudos, que pesquisas relativas à área de capital social e bibliotecas ainda está em fase primária, todavia, Vårheim (2007), destaca alguns requisitos de como a biblioteca pode produzir capital social a partir de suas ações. (SENNA; PRADO; BARBOSA, 2015).

(...) trabalhando com as associações voluntárias e, assim, aumentar a participação em atividades comunitárias locais; podem desenvolver em seu espaço locais de encontros informais de pessoas e podem criar o capital social no seu papel de fornecedores de serviços universais para o público. (Vårheim 2007, p. 421 apud SENNA; PRADO; BARBOSA, 2015, p. 166).

Os estudos inerentes ao capital social em biblioteca, ainda precisam evoluir, principalmente no Brasil, visto que o cenário cultural e educacional do país não é muito favorável. Embora os estudos ainda estejam em fase inicial, é notória a importância da produção de capital social dentro das bibliotecas, principalmente nas bibliotecas comunitárias, pelo fato dessa atender à parcela da população marginalizada da sociedade.

Findado o referencial teórico, passamos para o desenvolvimento dos procedimentos metodológicos, onde apresentamos os métodos e técnicas inerentes ao desenvolvimento dessa pesquisa.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção são apresentados os procedimentos metodológicos inerentes a realização dessa pesquisa.

Decidir qual o melhor método para empreender uma pesquisa é uma escolha determinante porque é ele o caminho que vai articular a teoria com a realidade empírica. Além disso, deve-se considerar que essa escolha terá que estar relacionada aos objetivos da investigação e como se pretende alcançá-los, através da utilização de instrumentos adequados. (SENNÁ, 2015, p. 113).

A escolha sobre o melhor método a ser utilizado no trabalho, parte do discernimento dado a partir de leituras sobre metodologia. Para alguns autores como, por exemplo Strauss e Corbin (2008, p. 17 apud SENNA, 2015, p. 113) “a metodologia é uma forma de pensar sobre a realidade social e de estudá-la [...] e os métodos são um conjunto de procedimentos e técnicas para coletar e analisar dados”.

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade). A metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está referida a elas. (DESLANDES; GOMES, 2011, p.14).

Sendo assim, podemos dizer que o procedimento metodológico adotado nesta pesquisa está relacionado aos métodos e técnicas escolhidos para a realização do presente estudo. Esses métodos e técnicas, que foram por nós selecionados, relacionam-se com os objetivos pretendidos com o trabalho.

Nossa pesquisa está fundamentada em um estudo de caso que pode ser caracterizado como uma estratégia de pesquisa utilizada para a descrição e explicação de um fenômeno social complexo dentro de um contexto da vida real. (CALAZANS, 2007). Sendo assim, entendemos o estudo de caso como:

Uma investigação empírica que pesquisa fenômenos dentro do seu contexto real e onde o pesquisador não tem controle sobre eventos e variáveis, buscando descrever, compreender e interpretar a complexidade de um caso concreto. O estudo de caso possibilita a penetração na realidade social, não conseguida plenamente pela avaliação quantitativa. Apesar do caráter qualitativo, o estudo de caso pode utilizar dados quantitativos para a sua realização, ou ambos. (KOLHBACHER, 2006 apud CALAZANS, 2007, p. 40-41).

Ponderou-se então, a utilização de um estudo de caso, visto que este possibilitaria a investigação efetiva de como é produzido o capital social dentro da biblioteca comunitária. Para Gil (2008, p. 57-58) “O estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado”. Logo, no presente trabalho, o estudo de caso servirá como instrumento da pesquisa empírica para a verificação do problema inicial formulado para o delineamento do trabalho.

A pesquisa aborda sobre a sapiência da geração do capital social dentro da biblioteca comunitária. A unidade de análise do estudo de caso utilizada no presente trabalho é a Biblioteca Comunitária José Vieira Filho. Como a pesquisa está pautada em um estudo de caso, optamos por utilizar o método qualitativo que na visão de Serapioni (2000) “se aplica às áreas com pouco conhecimento teórico ou conceitual ou às pesquisas que não possuem hipóteses formuladas ou precisas.” (SERAPIONI, 2000 apud BRAGA, 2007, p. 27).

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não se pode ou não se deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com um universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. (MINAYO, 2011, p. 21).

Como em nosso estudo pretendemos descrever algumas características inerentes a população de usuários da Biblioteca Comunitária José Vieira Filho, entendemos, portanto, que há uma necessidade de que um dos procedimentos metodológicos utilizados para a execução deste trabalho seja o método de pesquisa descritiva de um campo empírico. “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2002, p. 42).

Escolhido os tipos de métodos e técnicas mais adequado para a realização do trabalho, partimos então para a pesquisa bibliográfica com o objetivo de explorar e resgatar conceitos importantes para a realização do trabalho. Para Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de fontes bibliográficas consolidadas pelas áreas. As fontes utilizadas como base são formadas basicamente por livros e artigos científicos.

Nesta pesquisa, a utilização do método de revisão bibliográfica, foi de suma importância para o embasamento teórico acerca dos conceitos fundamentais para o

desenvolvimento da pesquisa. São considerados como conceitos fundamentais da presente pesquisa os termos: Capital Social e Biblioteca Comunitária.

Após o delineamento da instituição onde aconteceria o estudo de caso e o levantamento bibliográfico, foi feito um o levantamento de dados, do ambiente interno e externo em que a biblioteca está inserida. Com o levantamento em mãos, foram definidos quais seriam as técnicas de coleta de análise de dados.

### 3.1 TÉCNICAS DE COLETA E DE ANÁLISE DE DADOS

Nessa subseção, apresenta-se as técnicas de coleta de dados, usadas juntamente com a explicação acerca das escolhas das técnicas. As técnicas de coleta de dados escolhida para identificar a produção do capital social na Biblioteca Comunitária José Vieira Filho, foram:

- a) Observação não participante
- b) Entrevista com os criadores da biblioteca;
- c) Aplicação de questionário online para os usuários da biblioteca que fazem parte de um grupo que possui o nome da Biblioteca Comunitária José Vieira Filho, na rede social *Facebook*;

O trabalho de campo permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelecer uma interação com os “atores” que conformam a realidade e, assim, constrói um conhecimento empírico importantíssimo para quem faz pesquisa social. (MINAYO, 2011, p. 61).

Como o estudo de caso está sendo realizado por meio de uma abordagem qualitativa, “pois lida com fenômenos das representações sociais como crenças, valores e atitudes” (SENNÁ, 2015).

Considerando que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques. (GODOY, 1995, p. 23).

Realizou-se o levantamento a respeito do bairro em que a biblioteca está localizada e seu entorno. Nessa fase de detecção das particularidades inerentes ao bairro em que a biblioteca se encontra instalada, demandou-se uma pesquisa mais

densa, pois o bairro é predominantemente rural localizado Zona Oeste do Rio de Janeiro. Nesta fase da pesquisa houve dificuldade de encontrar dados, visto que, Ilha de Guaratiba não é um bairro notório da cidade do Rio de Janeiro. Passado a fase de levantamento de dados do bairro, seguiu-se com o levantamento dos dados inerentes a biblioteca em questão, a fim de um maior aprofundamento e conhecimento dos seus projetos.

A pesquisa com o viés direcionado ao estudo do perfil dos usuários da Biblioteca Comunitária José Vieira Filho, teve através desse levantamento, por finalidade obter informações sobre a idade, o sexo e o nível de escolaridade do público usuário da biblioteca. Para tal, foi utilizado um questionário.

O questionário foi aplicado através da rede social Facebook. O grupo selecionado para aplicação do questionário possui os seguintes dados: o grupo do *Facebook* denominado Biblioteca Comunitária José Vieira Filho, no qual a pesquisa foi disseminada, conta com 321 membros participantes (esse número foi atualizado no dia do fechamento do questionário). O questionário foi ao ar no dia dez (10) de fevereiro de 2016 e ficou disponível até o dia vinte e três (23) do mesmo mês. Foram respondidos 49 formulários o que representa um universo de aproximadamente 15,26 % dos participantes do grupo.

#### **4 CAMPO EMPÍRICO: BIBLIOTECA COMUNITÁRIA JOSÉ VIEIRA FILHO**

Este item é reservado a apresentação do campo empírico. Começamos apresentando o bairro onde a biblioteca comunitária José Vieira filho está localizada, contudo também será abordado, de maneira breve, a respeito das bibliotecas públicas existentes na Zona oeste do Rio de Janeiro. Segundo o site da Prefeitura do Rio de Janeiro (2015), cuja última atualização foi em 07 de dezembro de 2009, na cidade do Rio de Janeiro, existem cerca de onze Bibliotecas Populares Municipais. Essas bibliotecas estão distribuídas entre as vinte e três regiões administrativas do Rio de Janeiro. Através do site da prefeitura, também é possível analisar que existe uma precariedade de centros culturais municipais, em toda a cidade do Rio de Janeiro, existem apenas dez para atender toda a demanda da população carioca.

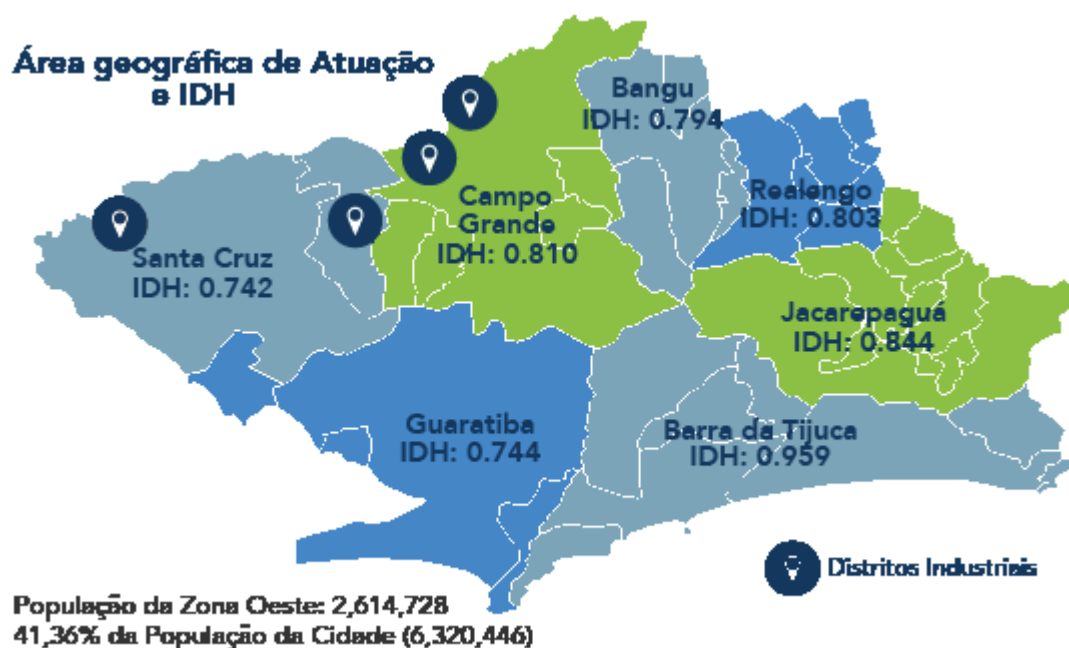
Na região administrativa de Guaratiba, segundo o site da Prefeitura do Rio de Janeiro (2015), não existe nenhuma Biblioteca Popular Municipal ou Centro cultural para atender a demanda desta região. A não existência de biblioteca popular na região de Guaratiba salienta a necessidade de estabelecimento da biblioteca comunitária na região.

Ilha de Guaratiba está localizada na região de Guaratiba da Zona Oeste do Rio de Janeiro. A região de Guaratiba é dividida em sete bairros e inúmeros sub-bairros (Prefeitura do Rio de Janeiro, 2015). A Zona Oeste é a região da cidade que mais sofre com a falta de infraestrutura social. Os investimentos públicos tanto na área de cultura quanto em outras áreas, são baixíssimos quando comparados com investimentos feitos, nas regiões do Centro e da Zona Sul do Rio de Janeiro. Segundo o site do Instituto Rio (2015), a Zona Oeste, possui 41,36% da população do Município do Rio de Janeiro, contudo é a região com o menor IDH - Índice de Desenvolvimento Humano do município.

O índice de desenvolvimento humano da região de Guaratiba é o segundo mais baixo da Zona Oeste. Segundo o site do Instituto Rio (2015), os indicadores culturais da região reforçam a perspectiva da desigualdade: a Barra da Tijuca conta com uma concentração considerável de salas de cinema (32%), embora apresente índices baixos com relação à oferta de museus (2%), bibliotecas (3%), centros culturais (5%) e teatros (3%). Por sua vez, Jacarepaguá e Cidade de Deus são regiões caracterizadas pela escassez de museus (3%), bibliotecas (8%), centros

culturais (6%) e teatros (5%), além de possuir a menor concentração de salas de cinema da cidade (4%). No site do Instituto Rio (2015), não se encontra a informação de bibliotecas, cinemas, centros culturais e teatro nas outras regiões da Zona Oeste.

Figura 2: Mapa de desenvolvimento humano da Zona oeste do Rio de Janeiro



Fonte: Instituto Rio, 2015.

É importante descrever os bairros ao entorno da biblioteca afim de que seja contextualizada a eminente necessidade da população em contar com os serviços oferecidos pela Biblioteca Comunitária José Vieira Filho. Ao observamos as bibliotecas populares do Rio de Janeiro e os bairros nos quais elas estão localizadas percebemos que a biblioteca popular mais próxima da localidade estudada, é a Biblioteca Popular de Campo Grade. Como já foi mencionado anteriormente, Campo Grande é um bairro vizinho a Ilha de Guaratiba e está localizado acerca de quarenta minutos do bairro de Ilha de Guaratiba. A partir dos dados levantados acima podemos constatar a importância de uma biblioteca comunitária no bairro de Ilha de Guaratiba.



#### 4.1 BIBLIOTECA COMUNITÁRIA JOSÉ VIEIRA FILHO

Localizada em Ilha de Guaratiba, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, na Rua Gaspar de Lemos, número 12, fundo de uma casa modesta encontramos a Biblioteca Comunitária José Vieira Filho, que funciona de segunda a sexta das 9 às 17 horas e faz parte do projeto Vida Feliz.

FIGURA 3: Mapa da localização da Associação Vida Feliz



Fonte: Google Maps, 2015.

Os responsáveis e criadores da Biblioteca, um casal de aposentados, simplesmente apaixonados pelo que fazem. Ela, Dona Ieda Thomé, uma senhora muito simpática, enfermeira aposentada e ele, Senhor Cid Thomé, um senhor sério, porém muito solícito, um engenheiro também aposentado. Aparentemente, duas atividades tão distintas, que se não fosse de fato à paixão pelos livros e a vontade de passar esta paixão adiante, certamente não dariam certo.

#### 4.2 A MISSÃO DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA JOSÉ VIEIRA FILHO

Os dados abaixo foram retirados da descrição da Biblioteca Comunitária José Vieira Filho, em sua página (site) da Biblivre (2015), para melhor ilustrar as características da biblioteca. Foram utilizadas também, informações obtidas em uma conversa informal, com os criadores da biblioteca, realizada em uma visita a mesma.

Difundir atividades educativas, esportivas, sociais e culturais, ecológicas e científicas, informatizadas ou qualquer outra que facilite a difusão da cultura e do

conhecimento. Criar assessoria técnica nos campos: social, educacional, ecológico, esportivo e cultural respeitando os preceitos da lei brasileira e acordos internacionais. Estimular a parceria, o diálogo local e a solidariedade entre os diferentes segmentos sociais, participando junto a outras entidades de atividades que visem interesses comuns.

A biblioteca foi inaugurada em 2002, com 200 títulos de livros pessoais do casal. A princípio, a ideia deles era disponibilizar os livros para os vizinhos mais próximos da rua. Seus vizinhos gostaram tanto da ideia que pegavam um livro e quando vinham devolver o mesmo, traziam mais um para juntar ao pequeno acervo e assim, de maneira cooperativa e inesperada, aquele acervo foi crescendo e junto com ele, a biblioteca foi ganhando forma e se expandindo.

No início, o pequeno espaço utilizado para abrigar a biblioteca era o que um dia já tinha sido um galinheiro. Localizado no fundo do quintal com chão batido de terra e tela de proteção de galinheiro, a única proteção que os livros tinham era o telhado feito de telha de amianto que evitava que os livros pegassem chuva ou sereno.

Com a ajuda de vizinhos, doações e muita força de vontade deste casal, a biblioteca foi crescendo e o espaço precisou aumentar. O chão que era batido de terra, hoje já tem piso, ardósia; o que antes era tela, hoje tem parede de alvenaria e o pequeno espaço, cresceu e tomou proporções antes inimagináveis pelos criadores do projeto. Hoje em dia, além do espaço da biblioteca, melhorado e ampliado, eles ainda contam com um salão, onde é realizada a maioria dos projetos.

Atualmente, cerca de doze anos depois de sua inauguração, muita coisa mudou, principalmente o seu acervo. Hoje o acervo conta com mais de 6.000 livros, sendo cerca de 3.000 títulos já catalogados na Biblivre e disponíveis para consulta no catálogo online. Além de livros o acervo conta também com cds e dvds.

O casal, também conta com a ajuda de um voluntário aposentado da Biblioteca da Marinha, que colabora com eles na organização das fichas catalográficas, nos catálogos manuais, na catalogação através da Biblivre, na organização do acervo e no atendimento aos usuários.

A biblioteca conta com uma média de 30 visitantes por dia, número relativamente alto para a comunidade onde está inserida, visto que, embora ela esteja localizada no Rio de Janeiro, Ilha de Guaratiba é uma comunidade com características ainda rurais. Muitas famílias se sustentam da terra e da criação de

animais e no bairro existem ainda muitos sítios, o que torna a vizinhança afastada, diferente de grandes centros urbanos.

### 4.3 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

A Biblioteca, conta com a ajuda de voluntários para a ministração dos cursos oferecidos em suas dependências. Os cursos são oferecidos a qualquer pessoa da comunidade e ministrados por professores voluntários, muitos deles, filhos da própria comunidade. Os cursos oferecidos, não acontecem de maneira simultânea, por diversos fatores, mas os principais são: a falta de espaço e voluntários dispostos a trabalhar por uma causa maior. Alguns dos cursos já oferecidos pela biblioteca:

- a) Artesanato
- b) Auxiliar de biblioteca
- c) Construção de blog
- d) Contador de histórias - Produção Textual
- e) Dança de salão
- f) Dança do ventre
- g) Informática para iniciantes
- h) Informática avançado
- i) Leitura
- j) Yoga

Os cursos e atividades oferecidos pela biblioteca possuem uma alta rotatividade, devido principalmente a dois fatores: o primeiro fator está relacionado aos profissionais que oferecem o curso. Na maioria dos casos os profissionais são voluntários e por esse motivo acabam não podendo ficar disponível para o serviço na biblioteca por muito tempo. O segundo fator está relacionado ao espaço físico da biblioteca ser limitado, o que faz com que algumas atividades sejam oferecidas até mesmo no turno da noite (após o horário de funcionamento da biblioteca).

A biblioteca ainda oferece oficina de trabalhos manuais, onde os alunos aprendem fazer peças artesanais, que são vendidas na própria biblioteca e uma parte da renda auxilia na manutenção da mesma, outra parte é destinado a comprar

os materiais necessários para a execução do trabalho e outra parte fica para quem produziu a peça.

Podemos ainda, dar um destaque ao curso de contador de histórias que possui uma carga horária de 26 horas, sendo divididos em duas vezes na semana, por duas horas diárias. É destinado a homens e mulheres maiores de 18 anos. Ao término do curso a biblioteca manda para as escolas da região, tanto públicas, quanto privadas, um convite, que contempla 40 crianças (a serem escolhidas a critério da escola), para irem até a biblioteca para participar da primeira contação de história do grupo. Importante destacar que o convite pode se estender e o grupo ir até a escola para fazer a apresentação e que o convite é somente para 40 crianças pela falta de espaço físico da biblioteca.

Os frequentadores da biblioteca são agraciados com um sarau de poesia todo primeiro domingo de cada mês, denominado Bom Dia Poesia. O sarau tem como objetivo tornar a poesia presente no meio rural da comunidade. As poesias lidas no sarau são feitas por crianças, jovens, adultos ou idosos ou escolhida por eles para participarem do sarau.

#### **4.4 PATROCÍNIO**

A biblioteca, assim como a associação, conta com o patrocínio e doações de alguns comerciantes locais que acreditam e vestem a camisa para o trabalho realizado dentro desse espaço, além da ajuda da própria comunidade. A associação, também conta com a ajuda da Prefeitura do Rio de Janeiro para desenvolver o projeto Vida Saudável, onde idosos fazem, três vezes por semana uma, ginástica matinal.

Além do patrocínio, os organizadores do projeto realizam algumas atividades como, por exemplo, ações entre amigos, jantares musicais, passeios, entre outros eventos, para que o dinheiro arrecadado beneficie a biblioteca.

#### **4.5 BIBLIVRE**

Como citado acima, a Biblioteca Comunitária José Vieira Filho, utiliza o programa de Biblioteca Livre (BIBLIVRE) para a organização do seu acervo. A

BIBLIVRE, é um software de catalogação para bibliotecas, seja ela privada, pública, comunitária ou particular.

Foi desenvolvido para Sociedade dos Amigos da Biblioteca Nacional em parceria com Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia – COPPE, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o objetivo de inclusão digital do cidadão na sociedade da informação. Hoje em dia tem como patrocinador exclusivo o Itaú Cultural.

O software Biblivre utiliza padrões internacionais como o protocolo, Z39.50 que permite ao usuário acessar diferentes acervos de biblioteca em vários países, além da comunicação dos acervos em rede.

Atualmente, é utilizado em todo o Brasil, principalmente por bibliotecas comunitárias e escolares e no exterior. É reconhecido por sua relevância cultural na inclusão digital de cidadãos.

Para conhecer um pouco mais do acervo da Biblioteca Comunitária José Vieira Filho, acesse o link:

[http://www.bibliotecavital.net.br/Biblivre4/bcjvfb/?action=list\\_bibliographic&letter=j](http://www.bibliotecavital.net.br/Biblivre4/bcjvfb/?action=list_bibliographic&letter=j) .

## 5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção são apresentados os dados relativos aos resultados da pesquisa. As análises dos dados foram desenvolvidas em cima de cada mecanismo utilizado para levantamento dos dados. As técnicas utilizadas foram:

- a) Entrevista com os criadores da biblioteca;
- b) Aplicação de questionário online para os usuários da biblioteca que fazem parte de um grupo no qual possui o nome da biblioteca na rede social *Facebook*;
- c) Observação não participante.

Na biblioteca analisada, a Biblioteca Comunitária José Vieira Filho, buscou-se características para entender sobre a criação, gestão e principalmente como é produzido o capital social dentro da biblioteca.

### 5.1 ENTREVISTA COM OS CRIADORES DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA JOSÉ VIEIRA FILHO

A entrevista foi realizada com os criadores da biblioteca Cid Thomé e Ieda Thomé - As perguntas realizadas pelo entrevistador aos criadores da biblioteca, seguem descritas na íntegra no apêndice A deste trabalho. O entrevistador direcionou a entrevista com o objetivo de que os entrevistados contassem a história da biblioteca em forma de narrativas e isso fluiu de uma maneira natural visto que as perguntas eram feitas aos entrevistados e daí emergiam as suas histórias.

A primeira pergunta foi estruturada com o objetivo de saber o que levou o casal a criar uma biblioteca comunitária. Então, o casal nos contou que, por estarem engajados com a Associação Vida Feliz, eles já possuíam uma certa influência na comunidade por conhecerem muitas pessoas da vizinhança. Em um determinado momento, eles perceberam que tinham muitos livros e resolveram disponibilizar aos frequentadores da Associação Vida Feliz, alguns livros que já não usavam mais. Quando eles perceberam algumas pessoas começaram a trazer mais livros para

contribuir com a iniciativa. Para eles a criação da biblioteca aconteceu de forma natural e sem intenção.

A segunda pergunta teve a intenção de saber como se deu a decisão de transformar o fundo da casa em uma biblioteca. A resposta foi a mais simples possível, eles argumentaram que precisavam de um espaço para guardar os livros que estavam recebendo como doação e então decidiram fazer um espaço para a guarda dos livros e receber as pessoas que iam até lá para pegar os livros emprestados.

A terceira pergunta feita ao casal, foi em relação aos projetos e cursos oferecidos pela biblioteca, como eles conseguiam as parcerias. Por eles terem ligação com a associação, eles conseguem fazer parcerias através desta. Alguns projetos e cursos eles consegue a partir de pedidos ou na base do voluntarismo. Nessa questão eles explicaram que a maioria das “coisas” que existem na biblioteca, eles conseguiram por doações e através de voluntários.

A quarta pergunta, foi com relação a dinâmica de funcionamento da biblioteca. A princípio, a biblioteca funciona de segunda a sexta no horário de oito horas da manhã às cinco horas da tarde. Todavia, eles relataram que pelo fato da biblioteca funcionar nos fundos do quintal da casa deles, esse horário quase nunca é respeitado, até por conta da ginástica matinal, oferecida às sete da manhã para os adultos e a capoeira que é oferecida no horário de sete da noite.

A quinta e última questão foi relacionada aos usuários e a resposta foi surpreendente, visto que o senhor Cid Thomé respondeu que: “Todos têm o direito de usar a biblioteca, os livros são para todos, desde a criança até o idoso, sem limite de idade”, como ele gosta de destacar. Com relação ao cadastro na biblioteca para empréstimo, somente moradores do bairro podem fazer, porém para leitura os livros estão disponíveis para todos.

Após a realização das entrevistas passamos para a análise das respostas dos formulários.

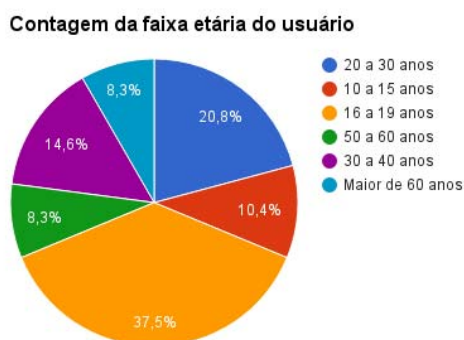
## **5.2 QUESTIONÁRIO DE LEVANTAMENTO DE DADOS**

Aplicamos o formulário com o objetivo de conhecer melhor quem são os usuários da Biblioteca Comunitária José Vieira Filho. O formulário possui oito questões – que estão representadas no apêndice B deste trabalho. As quatro

primeiras questões do formulário são questões fechadas e por ter esse caráter, conseguimos esquematizar as respostas em forma de gráfico. As outras quatro questões são abertas e o usuário pode responder livremente, por esse motivo achamos melhor selecionar aleatoriamente três participantes que responderam o questionário para divulgar as respostas obtidas, a fim de demonstrar como foram as bases das respostas. Os participantes foram chamados respectivamente de p1, p2 e p3, visto que o formulário não possui campo para a identificação do participante.

A primeira questão fechada está relacionada à faixa etária dos usuários. O objetivo dessa questão foi analisar qual é a faixa etária dos usuários predominante na biblioteca. É uma questão muito significativa para a biblioteca comunitária, visto que seu público usuário é amplo e abrange pessoas de todas as idades.

FIGURA 4: Gráfico faixa etário

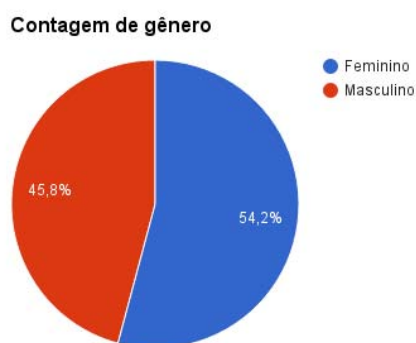


Fonte: Dados de Pesquisa

A segunda questão fechada do questionário tinha como objetivo de constatar qual é o sexo predominante entre os usuários da biblioteca. Um tipo de questão básica, porém necessária para se fazer o recorte do perfil dos usuários da Biblioteca Comunitária José Vieira Filho, através da amostragem pesquisada.

FIGURA 5: Gráfico de gênero

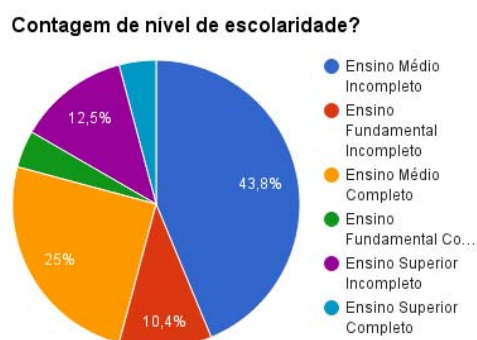




Fonte: Dados de Pesquisa

A terceira questão fechada tem por objetivo saber qual o nível de escolaridade dos usuários da biblioteca. Essa questão pode refletir no que o usuário busca e espera dos serviços oferecidos pela biblioteca, pois se o público usuário possui uma determinada escolaridade, os serviços oferecidos precisam ser compatíveis a realidade da maioria da população daquela comunidade a ser atendida.

FIGURA 6: Gráfico do nível de escolaridade



Fonte: Dados de Pesquisa

A quarta e última pesquisa de caráter fechado possui como objetivo o levantamento da frequência com que os usuários vão à biblioteca. Através dessa questão, juntamente com a observação não participante, podemos perceber o fluxo de usuário na biblioteca.

FIGURA 7: Gráfico frequência de visita



Fonte: Dados de Pesquisa

Em suma, os gráficos apresentados acima mostram as características e hábitos pertinentes aos usuários da biblioteca. Como podemos constatar a maioria dos usuários da biblioteca possui idades entre 16 e 19 anos. Em sua maioria são do sexo feminino. O nível de escolaridade predominante na amostra de dados é de pessoas que possuem o ensino médio incompleto e a maioria frequentam a biblioteca entre duas e quatro vezes por semana.

Outras questões pertencentes ao questionário, foram questões abertas, a respeito do funcionamento da biblioteca. Com relação a essas questões, o que mais nos chamou atenção é que a maioria das respostas foram relacionadas com a importância da leitura na vida dos usuários.

#### Quadro 1: Questões abertas do questionário

Qual a importância da biblioteca comunitária no seu cotidiano?

P1: "A biblioteca, depois que eu me aposentei passou a ser a minha segunda casa. "

P2: "Nela consigo consegui me concentrar mais nos estudos para prestar o vestibular, adquirir bastantes informações com os livros de lá e conheci e ajudei muitas pessoas e também tive muita ajuda. "

P3: "Comecei a frequentar a biblioteca para praticar atividades físicas, acabei gostando de lá, tomei gosto pela leitura de novo, e voltei aos estudos para terminar o ensino médio que havia deixado de lado para trabalhar. "

Quais os projetos oferecidos pela biblioteca que você participa e/ou já participou?

P1: "Capoeira e aula de informática. "

P2: "Auxiliar de biblioteca e construção de blog. "

P3: "Bom dia poesia. "

Quais serviços que você gostaria de encontrar na biblioteca?

*P1: “Curso de inglês. ”*

*P2: “Pré-vestibular. ”*

*P3: “Curso de costureira. ”*

Fale livremente sobre o que mudou na sua vida depois que você começou a frequentar a biblioteca.

*P1: “Voltei aos estudos e estou concluindo o ensino médio, a leitura se tornou um hábito pra mim. ”*

*P2: “Passei a ajudar minha filha na escola, e agora sempre estou lendo adquirindo novas informações e experiências. ”*

*P3: “Conseguí ter um melhor desempenho nos trabalhos escolares e nas matérias. ”*

Fonte: Dados de pesquisa

### 5.3 OBSERVAÇÃO NÃO PARTICIPANTE

Essa técnica foi utilizada a fim de explorar a respeito do objeto de estudo.

Nesse tipo de observação o investigador não toma parte nos conhecimentos objeto de estudo como se fosse membro do grupo observado, mas apenas atua como espectador atento. Baseado nos objetivos da pesquisa, e por meio de seu roteiro de observação, ele procura ver e registrar o máximo de ocorrências que interessa ao seu trabalho. (RICHARDSON, 1999, p. 260).

A observação não participante foi de suma importância para o desenvolvimento do projeto, pois a partir dela conseguimos entender um pouco mais a fundo como se dá a dinâmica de funcionamento da Biblioteca Comunitária José Vieira Filho. Uma das rotinas que mais chamou a atenção, foi o fato de que o fluxo de usuário na biblioteca está relacionado aos horários dos cursos e projetos oferecidos.

O que nos levou a tomar como verdade que os cursos e projetos oferecidos pela Biblioteca Comunitária José Vieira Filho são uma espécie de “chamarisco” para a biblioteca. Muitas das vezes o usuário potencial chega até a biblioteca somente com o objetivo de participar de algum curso ou projeto e acaba se tornando um usuário real da biblioteca.

## 6 CONCLUSÃO

Os resultados obtidos nessa pesquisa são especificamente do estudo de caso da Biblioteca Comunitária José Vieira Filho, todavia abre-se a possibilidade de fazer as mesmas observações em outras bibliotecas comunitárias. A pesquisa mostra que a leitura é considerada, para os usuários, a parte mais fundamental do trabalho da biblioteca comunitária e que os cursos e projetos oferecidos pela Biblioteca Comunitária José Vieira Filho são uma espécie de ponte para que a população tenha acesso aos livros e conseqüentemente acesso a leitura. Para Leenhardt (2013) citado por Senna, Prado e Barbosa, “pela leitura a pessoa aprende a ser ela mesma, e ser ela mesma em comparação a todas as outras na vida social”. (LEENHARDT, 2013, p. 75 apud SENNA; PRADO; BARBOSA, 2015, P. 156).

Podemos considerar que há produção de capital social na Biblioteca Comunitária José Vieira Filho, porque a partir dos cursos e atividades oferecidas pela instituição, as pessoas que frequentam a biblioteca, têm acesso a outras instituições e indivíduos que também colaboram com a biblioteca e lhes proporcionam outros recursos culturais e educacionais, além da leitura de livros.

Percebemos que a rede onde a Biblioteca Comunitária José Vieira Filho está inserida é um extensor de ponte facilitando através daí novas pontes e estendendo no entorno benefícios à comunidade externa da biblioteca.

Finalizamos essa pesquisa com uma citação de Senna que mostra a importância das bibliotecas comunitárias na vida da população.

A literatura mostra que a educação e a cultura constituem a base da mudança social, da prevenção da violência e da criminalidade, causadas pelas desigualdades socioeconômicas nas grandes cidades e que, a criação de bibliotecas e centros culturais, em comunidades economicamente desiguais, é primordial para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos que nelas habitam. (SENNA; PRADO; BARBOSA, 2015, p. 156).

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Christina Barbosa; MACHADO, Elisa Campos. **Biblioteca comunitária em pauta**. [2006]. Disponível em: <[http://www.itaucultural.org.br/biblioteca/download/bibliotecas\\_comunitarias\\_e\\_populares\\_.pdf](http://www.itaucultural.org.br/biblioteca/download/bibliotecas_comunitarias_e_populares_.pdf)>. Acesso em: 01 abr. 2014.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas**. Londrina: Ed. UEL, 1997.
- BASTOS, Gustavo Grandini; ALMEIDA, Marco Antônio de; ROMÃ, Lucília Maria Sousa. Bibliotecas comunitárias: mapeando conceitos e analisando discursos. **Inf. & Soc.**, João Pessoa, v. 21, n. 3, p. 87-100, set./dez. 2011. Disponível em: [www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/download/10822/6998](http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/download/10822/6998).. Acesso em 15 jan. 2016
- BIBLIOTECA Comunitária José Vieira Filho. [Rio de Janeiro], [20-?]. Disponível em: <<http://www.bibliotecavital.net.br/Bibliivre4/bcjvfb/>>. Acesso em: 17 abr. 2015.
- BIBLIOTECAS populares. **Prefeitura do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/smc/bibliotecas>>. Acesso em: 13 abr. 2015.
- BLANK, Cinthia Kath; SARMENTO, Patrícia Souza. Bibliotecas comunitárias: uma revisão de literatura. **Biblionline**, João Pessoa, v. 6, n. 1, p. 142-148, 2010. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000009193&dd1=15a94>>. Acesso em: 13 abr. 2015.
- BOTELHO, Cristian do Nascimento. A formação do bibliotecário e as bibliotecas comunitárias. **Estudos em Biblioteconomia e Gestão da Informação**, Recife, v. 1, n. 1, p. 50-64, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. [coletânea de textos]. In: NOGUEIRA, M. Alice; CATANI, Antônio (Org.). **Escritos de educação**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- CAMPOS, Elisa. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. São Paulo, 2008. Tese (doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-07012009-172507/>>. Acesso em: 30 maio. 2014.
- CAMPOS, Maria Teresa de Arruda; Silva, Ricardo de Castro. Se eu morrer nasce outro igual a mim. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 8, número especial. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/717/732>>. Acesso em: 5 de out. 2015.

CAVALCANTE, Lúdia Eugenia; ARAIPE, Fátima Maria Alencar (org.). **Biblioteca e Comunidade**: entre vozes e saberes. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014.

CUNHA, M. B.; CAVALCANTI, C. R. O. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008.

FRAGOSO, Sueli; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Abordagens Etnográfica. In: FRAGOSO, Sueli; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para a internet**. Porto Alegre: Sulina, 2013. p. 167-203.

FERREIRA, Manuella Marinho; SILVA, Gabriela Pereira da. Biblioteca Comunitária Semeando Saberes: uma proposta metodológica de ensino – aprendizagem. In: Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência da Informação e Gestão da Informação, 14. Maranhão, 2011. **Anais...** São Luiz: UFMA, 2011, p. 1-12. Disponível em: <<http://rabci.org/rabci/sites/default/files/BIBLIOTECA%20COMUNIT%C3%81RIA%20SEMEANDO%20SABERES%20uma%20proposta%20metodol%C3%B3gica%20de%20ensino%20%E2%80%93%20aprendizagem.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2015

FURLANETTO, Egidio Luiz. Instituições e desenvolvimento econômico: a importância do capital social. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, v. 16, supl. p. 55-67, ago. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010444782008000300005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010444782008000300005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 08 out. 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, maio/jun. 1995. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75901995000300004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901995000300004)>. Acesso em 22 mar. 2015.

MACHADO, Elisa. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 80-94, jul/dez. 2009.

MEDEIROS, Ana Lúcia Silva. Biblioteca Pública do século XXI. **Revista CRB-8 Digital**. v. 5, n. 2, p. 49-55, São Paulo, dez. 2012.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley. PRONKO, Marcela Alejandra; MENDONÇA, Sônia Regina de. **Capital cultural**. 2009. Disponível em: <<http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/capcul.html>>. Acesso em 20 jan. 2016.

OLINTO, G.; MEDEIROS, A. L. S., Capital social e biblioteca pública. In: ALBAGALI, Sarita. (org.). **Fronteiras da ciência da informação**. Brasília, DF: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/453/1/Fronteiras%20da%20Ci%C3%A7ncia%20da%20Informa%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 25 maio. 2015.

PRADO, Geraldo Moreira. A biblioteca Comunitária como agente de inclusão/integração do cidadão na sociedade da informação. **Inc. Soc.**, Brasília, DF. jan/jun, 2010. v. 3, n. 2, p. 143-149.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Um estudo do Capital Social gerado a partir das Redes Sociais no Orkut e nos Weblogs**. Trabalho apresentado na Compós, 2005.

SENNA, Ana. **Capital social e recursos educacionais em bibliotecas sociais em espaços vulneráveis do Rio de Janeiro**. 90 p. Trabalho (Qualificação de doutorado) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

SENNA, A.; PRADO, G. M.; BARBOSA, M. F.S. O. Capital social e recursos educacionais nas favelas Pavão-Pavãozinho/ Cantagalo do Rio de Janeiro. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 10, n. 1, p. 155-165, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pbcib/article/view/24211>>. Acesso em: 15 dez. 2015

SENNA, A.; SANTOS, M. J. V. C.; MIRANDA, M. F. B. Biblioteca Comunitária Escritor Lima Barreto: espaço para práticas de mudanças sociais. In: **Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias**, 16, 2010. Rio de Janeiro. **Anais...**Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, Sandra Sofia Brito da. Capital social. In: SILVA, Sandra Sofia Brito da. **Capital Humano e Capital Social: construir capacidades para o desenvolvimento dos territórios**. Lisboa, 2008, Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2008, cap. 4. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/379>> . Acesso em: 20 set. 2015.

SOBRE a zona oeste. Instituto Rio. Rio de Janeiro, [20??] Disponível em:<[http://www.institutorio.org.br/sobre\\_a\\_zona\\_oeste](http://www.institutorio.org.br/sobre_a_zona_oeste)>. Acesso em: 28 mar. 2015.

## **APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA**

- 1) O que levou a criação da Biblioteca Comunitária José Vieira Filho?
- 2) Como foi tomada a decisão de transformar os fundos da casa de vocês em biblioteca?
- 3) Como vocês conseguem oferecer tantos cursos aos usuários da Biblioteca Comunitária José Vieira Filho?
- 4) Como é o funcionamento da biblioteca?
- 5) Quem pode utilizar a biblioteca?



**APÊNDICE B – Questionário**

- 1) Qual faixa etária você se enquadra?
  - 10 a 15 anos?
  - 16 a 19 anos?
  - 20 a 30 anos?
  - 30 a 49 anos?
  - 50 a 60 anos?
  - Maior de 60 anos?
  
- 2) Qual o seu sexo?
  - Masculino
  - Feminino
  
- 3) Qual o seu nível de escolaridade?
  - Ensino Fundamental Completo
  - Ensino Fundamental Incompleto
  - Ensino Médio Completo
  - Ensino Médio Incompleto
  - Ensino Superior Completo
  - Ensino Superior Incompleto
  
- 4) Qual frequência que você visita a Biblioteca Comunitária José Vieira Filho?
  - Uma vez por mês
  - Duas vezes por mês
  - Uma vez por semana
  - Duas a quatro vezes por semana
  - A cada três meses
  - Todos os dias
  
- 5) Qual a importância da Biblioteca Comunitária José Vieira Filho no seu cotidiano?

- 6) Quais os projetos oferecidos pela Biblioteca Comunitária José Vieira Filho que você participa e/ou já participou?
- 7) Quais serviços você gostaria de encontrar na Biblioteca Comunitária José Vieira Filho?
- 8) Fale livremente sobre o que mudou na sua vida depois que você começou a frequentar a Biblioteca Comunitária José Vieira Filho?

## APÊNDICE C – Fotos da Biblioteca Comunitária José Vieira Filho



